



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**SIDINEI LUÍS ZUCCHI**

**A NOÇÃO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DE “CAMINHO” NO KARATE-DO  
DE GICHIN FUNAKOSHI E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS**

**ERECHIM**

**2019**

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Zucchi, Sidinei Luís

A NOÇÃO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DE CAMINHO NO KARATE-DO DE GICHIN FUNAKOSHI E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS / Sidinei Luís Zucchi. -- 2019.

87 f.:il.

Orientador: Doutor Ilton Benoni da Silva.

Co-orientador: Doutor Gerson Egas Severo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, Chapecó, SC , 2019.

1. Ensino-aprendizagem do Karate-Do. 2. Filosofia e pedagogia das Artes Marciais. 3. Gichin Funakoshi. 4. Educação. I. Silva, Ilton Benoni da, orient. II. Severo, Gerson Egas, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

**SIDINEI LUÍS ZUCCHI**

**A NOÇÃO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DE “CAMINHO” NO KARATE-DO DE GICHIN  
FUNAKOSHI E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal da  
Fronteira Sul – UFFS, Campus de Chapecó, como  
requisito para obtenção do título de Mestre em  
Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em  
Educação (PPGE).

Orientador: Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva  
Co-orientador: Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo

**ERECHIM**

**2019**

SIDINEI LUÍS ZUCCHI

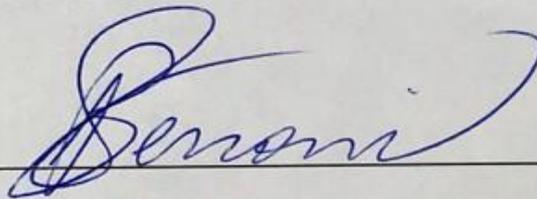
A NOÇÃO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DE "CAMINHO" NO KARATE-DO DE GICHIN  
FUNAKOSHI E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS

Trabalho apresentado à Universidade Federal da Fronteira Sul,  
Campus de Chapecó, como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em  
Educação (PPGE).

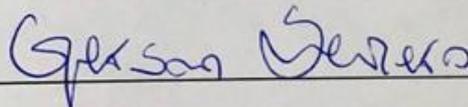
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

30 / 09 / 2019

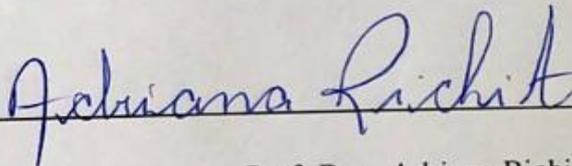
BANCA EXAMINADORA:



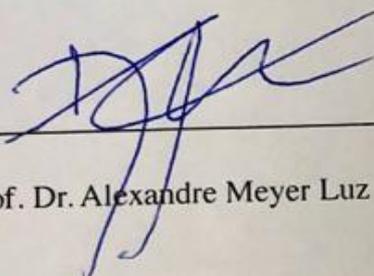
Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva (orientador)



Prof. Dr. Gerson Egas Severo (co-orientador)



Prof. Dra. Adriana Richit



Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha mãe Eva (*in memoriam*) e à minha esposa Chaiane. Primeiramente, à minha mãe Eva, que, desde a minha infância, sempre me apoiou e incentivou para que eu buscasse uma vida plena. Como éramos uma família muito humilde, ela sempre aconselhou-me que a dedicação ao estudo e ao trabalho seria o caminho.

Gostaria também de agradecer à minha companheira de vida, amiga, conselheira e maior incentivadora, Chaiane, que não mediu esforços para me auxiliar de todas as formas para que eu concluísse o curso de mestrado, realizando, inclusive, tarefas burocráticas referentes ao programa.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Ilton Benoni, pelo apoio, paciência e pelos conhecimentos transmitidos durante esses dois anos de processo de ensino-aprendizagem e construção dessa dissertação.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Gerson Severo, por me incentivar, auxiliar, contribuir, corrigir, argumentar e também pelas experiências vivenciadas no Karate-Do. Agradeço também à sua esposa e ao seu filho, Elizabet e Théo, que foram presentes nesse período do mestrado, acompanhando minha caminhada por meio da amizade construída através do Karate-Do.

Com relação ao Karate-Do, sou grato por essa Arte Marcial fazer parte de minha vida. Agradeço a todos os meus companheiros e companheiras do grupo Bushidô de Karate-Do, em especial ao professor Marcelo Miorelli, a pessoa que me ensinou a desenvolver o Karate-Do em minha vida na perspectiva do Budô. Agradeço também à Zequiela e à Lidia, que contribuíram de forma significativa para a conclusão deste mestrado, pelo incentivo e apoio pessoal.

Gostaria de agradecer também às minhas irmãs Cleonice e Flávia, pela paciência e por entenderem minha ausência durante esses dois anos. Agradeço, ainda, ao meu irmão Claudemir (*in memoriam*), que sempre me apoiou e foi meu parceiro nas atividades de casa, e ao meu pai Egidio (*in memoriam*), por estar presente em nossas vidas e transmitir ensinamentos de vida na figura de pai.

O que conhece os outros é sábio;  
O que conhece a si mesmo é iluminado.  
O que vence os outros é forte;  
O que vence a si mesmo é poderoso.  
O que conhece o contentamento é rico.  
O que se conserva no caminho com  
energia é dotado de vontade.  
O que não se desvia do lugar que lhe cabe  
é dotado de perseverança.  
O que morre, mas não perece, alcançou a  
longevidade. (LAO TSÉ, 2007, p. 71).

## RESUMO

Esta pesquisa constitui uma investigação teórico-reflexiva acerca do pensamento de Gichin Funakoshi, o formulador do Karate-Do moderno, com o objetivo de abstrair-lhe o conteúdo filosófico-pedagógico – contido na noção de “Do”, “Caminho” – e de examinar suas potencialidades educacionais no ensino-aprendizagem da Arte Marcial. Presente em espaços educacionais formais e não formais, observou-se que, na região objeto da pesquisa, o Norte/Noroeste do Rio Grande do Sul, o ensino do Karate-Do carece de elaboração pedagógica teórica formal e encontra-se reduzido à dimensão física e técnica da prática. Uma vez que essa realidade contrasta com a riqueza histórica, filosófica, pedagógica, antropológica, religiosa e ética do universo das Artes Marciais japonesas tradicionais – caso do Karate-Do -, o trabalho propõe uma reflexão que pondera a importância da presença dessas dimensões outras no ensino-aprendizagem da Arte Marcial, preservando a riqueza de seu constructo histórico, sobretudo no que diz respeito à sua interface com a pedagogia, apontando uma possibilidade entre outras – a da recuperação do pensamento filosófico-pedagógico de Funakoshi – para que passe a embasar teoricamente aquele ensino. O texto possui também um caráter propedêutico, ao chamar a atenção para a importância de se juntar ao *fazer*, à prática, o *pensar o fazer*, fundamentando ainda no escopo dessas formulações e nos princípios subjacentes à obra examinada, uma proposta de intervenção pedagógica.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem do Karate-Do. Filosofia e pedagogia das Artes Marciais. Gichin Funakoshi. Educação.

## ABSTRACT

This research constitutes a reflexive-theoretical investigation about the thought of Gichin Funakoshi, the formulator of the modern Karate-Do, with the objective of abstracting to him the philosophical-pedagogical content - contained in the notion of "Do", "Path" - and of examine its educational potentialities in the teaching-learning of martial art. Present in formal and non-formal educational spaces, it was observed that in the region object of research, the North / Northwest of Rio Grande do Sul, the teaching of Karate-Do lacks formal theoretical pedagogical elaboration and is reduced to the physical dimension. and practice technique. Since this reality contrasts with the historical, philosophical, pedagogical, anthropological, religious and ethical richness of the traditional Japanese martial arts universe - the case of Karate-Do -, the paper proposes a reflection that considers the importance of the presence of these other dimensions in the teaching and learning of Martial Art, preserving the richness of its historical construct, especially with regard to its interface with pedagogy, pointing out one possibility among others - that of the recovery of Funakoshi's philosophical-pedagogical thinking - so that it can theoretically be based that teaching. The text also has a propaedeutic character, drawing attention to the importance of joining in doing, thinking practice doing, also based on the scope of these formulations and the principles underlying the work examined, a proposal for pedagogical intervention.

**Keywords:** Karate-Do teaching and learning. Philosophy and Pedagogy of Martial Arts. Gichin Funakoshi. Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Relação de trabalhos envolvendo o Karate-Do.....	11
Quadro 2 - Descrição dos materiais informados e seus respectivos municípios.....	13
Figura 1 - Pintura retratando Bodidarma e seus olhos sem pálpebras.....	21
Figura 2 - Templo Shaolin, mais de 1500 anos de história.....	22
Figura 3 - Gichin Funakoshi (1868 – 1957). .....	31
Figura 4 - Apresentação de Karate-Do, 1922.....	38
Figura 5 - Karate-Do Kyohan, livro publicado por Gichin Funakoshi em 1935. ....	40
Figura 6 - Dojô-kun, escrito por Masatoshi Nakayama.....	62
Figura 7 - Niju-kun escrito por Gima Shinkin.....	68

## SUMÁRIO

<b>1 À MANEIRA DE INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 A PROBLEMÁTICA E SEUS ITINERÁRIOS.....	11
<b>2 O KARATE-DO DE GICHIN FUNAKOSHI.....</b>	<b>23</b>
2.1 A PEDAGOGIA DO KARATE-DO.....	31
<b>2.1.1 O Karate-Do e a sua introdução na educação formal.....</b>	<b>38</b>
<b>3 O KARATE COMO “DO”: A NOÇÃO FILOSÓFICA DE “CAMINHO” E SUAS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS.....</b>	<b>46</b>
3.1 O KARATE-DO NA PERSPECTIVA DO BUDO.....	55
<b>4 FERRAMENTAS FILOSÓFICO-PEDAGÓGICAS NORTEADORAS PARA O “CAMINHO”.....</b>	<b>62</b>
4.1 O “DOJÔ-KUN”.....	63
4.2 O “NIJU-KUN”.....	69
4.3 POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS DO KARATE COMO “DO”.....	72
<b>4.3.1 A filosofia e a pedagogia de Gichin Funakoshi: recorrências.....</b>	<b>74</b>
<b>5 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DO KARATE-DO.....</b>	<b>77</b>
5.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	80
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>

## 1 À MANEIRA DE INTRODUÇÃO

O fascínio pelo universo das Artes Marciais em geral, bem como pela prática do Karate-Do em particular, fez-se presente em minha vida desde a infância até o presente momento de forma ininterrupta. No Brasil, e em boa parte do mundo ocidental, a maioria das crianças do sexo masculino (e também, crescentemente, do sexo feminino) sentem uma forte admiração e um grande encantamento pelo mundo do futebol, pois são estimuladas por seus pais, pela escola e pelo ambiente cultural como um todo – sabe-se da enorme repercussão social e midiática desse esporte. Porém, esse não foi o meu caso.

Por estímulo de minha mãe, tive a oportunidade de entrar em contato com a prática do Karate-Do justamente para evitar os jogos de futebol nas ruas de nosso bairro na cidade de Erechim-RS, que ela percebia como perigosos em diversos aspectos – contrariando, de certo modo, a expectativa de senso comum que talvez pudesse considerar a prática de uma luta como necessariamente mais perigosa. Hoje, esse estímulo se desdobra e se expressa em minha motivação para realizar um trabalho de reflexão teórica, agregado à prática, no sentido de compreender o Karate-Do na integralidade de suas dimensões físicas e mentais e, ainda, de suas potencialidades educativas e culturais na perspectiva da integralidade do desenvolvimento humano.

A presente dissertação de mestrado é, assim, parte essencial do esforço de qualificar essa busca: entendo que meus mais de vinte anos de prática e estudos, somados a uma trajetória de docência tanto no Karate-Do como na área de Educação Física, inclusive acadêmica, permitem-me enxergar possibilidades de contribuição para os muitos e diferentes campos do saber em que se desenvolvem os trabalhos acadêmicos que abordam o Karate-Do em particular e as Artes Marciais em geral.

O trabalho possui também o significado da realização de um sonho pessoal, mas partilhado com meus pares, relacionado ao fato de o Karate-Do ocupar o centro de minha vida: a inspiração e o desejo de incluir a leitura, o estudo e a pesquisa formal na prática, e portanto de aprofundar o conhecimento da Arte Marcial em termos também teóricos. E não somente aprofundar o conhecimento: essa inspiração e desejo também se expressam na intenção de aprimorar a docência, quer dizer, encontrar os meios-hábeis para fazer com que esse conhecimento em construção,

que transcende os aspectos físico técnicos da Arte Marcial, cheguem aos estudantes, estejam efetivamente presentes no ensino-aprendizagem do Karatê-Do.

Ao pesquisar e ao escrever, e ao empreender o esforço de atender às exigências acadêmicas próprias desse tipo de trabalho, não pude no entanto deixar de pensar em uma outra possível figura de leitor: a comunidade de praticantes de Karate-Do e de outras Artes Marciais, formada por estudantes de variados graus e por professores com também diversos graus de instrução. Pensei nas dezenas, centenas de pessoas com as quais travei contato localmente, regionalmente, nacionalmente, e internacionalmente. Talvez milhares de pessoas. Essa comunidade necessita – e aqui adiantamos uma das ideias centrais da dissertação - agregar à sua prática, ao seu fazer, o *pensar o fazer*, no próprio interesse da qualificação do ensino-aprendizagem do Karate-Do, de sua inserção no ambiente escolar formal, e do desenvolvimento de suas potencialidades pedagógicas, em termos da perspectiva da integralidade da formação humana. Esse *pensar o fazer*, inclusive em termos acadêmicos, não é evidentemente uma prerrogativa apenas daquela comunidade de praticantes, mas compreendo que é a partir dela que o trabalho de reflexão teórica terá de ser feito, pelo menos em sua maior parte.

Esta pesquisa pesquisa é a um só tempo, assim, um esforço de investigação, a realização e o enunciado de um sonho, de um projeto de vida, e um chamado ao trabalho.

## 1.1 A PROBLEMÁTICA E SEUS ITINERÁRIOS

Junto às tentativas iniciais de encontrar e estabelecer no tema desta dissertação um problema de pesquisa, realizou-se uma análise em portais de Internet acadêmicos e institucionais, em âmbito nacional, que disponibilizassem dissertações, teses e artigos científicos que tivessem o Karate-Do como tema, e que o relacionassem com o universo da educação. Essa pesquisa trouxe um resultado surpreendente no que diz respeito ao Brasil, país em que a prática desta Arte Marcial é amplamente difundida, e há várias décadas: apenas oito trabalhos tematizando diretamente o Karate-Do foram encontrados, sendo que, desses, apenas três

envolviam crianças e adolescentes na pesquisa, e apenas um trabalho foi encontrado relacionando o Karate-Do e a educação<sup>1</sup>.

Quadro 1 - Relação de trabalhos envolvendo o Karate-Do.

TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	ANO
ANÁLISE DE IMPACTO E RISCO DE LESÕES NO SEGMENTO SUPERIOR ASSOCIADAS A EXECUÇÃO DA TÉCNICA DE GYAKU TSUKI SOBRE MAKIWARA POR PRATICANTES DE KARATE DO ESTILO SHOTOKAN	Vinícius Aguiar de Souza	UFRGS	2002
PEDAGOGIA DO ESPORTE E O KARATÊ-DÔ: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INICIAÇÃO E DA ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE	Sandro Marlos Moreira	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - SP	2003
PERCEPÇÕES DE ALUNOS DE KARATE SOBRE AGRESSIVIDADE/VIOLÊNCIA: APLICAÇÕES EDUCACIONAIS NO ENSINO DE ARTES MARCIAIS	Hélio Riche Bandeira	PUC - RS	2006
UMA HISTÓRIA DO KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL: DE ARTE MARCIAL A PRÁTICA ESPORTIVA	Tiago Oviedo Frosi	UFRGS	2012
ANÁLISE DE PARÂMETROS CINEMÁTICOS NO DESEMPENHO DO CHUTE GIRO DORSAL NO KARATÊ.	Luciana Ferreira	UDESC	2013
EFEITOS DO KARATÊ PRATICADO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA MASSA ÓSSEA AVALIADA PELA ULTRASSONOGRRAFIA QUANTITATIVA DE FALANGES	Camila Justino de Oliveira Barbata	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - SP	2015
EFEITOS DO TREINAMENTO DE KARATE-DÔ NA COGNIÇÃO DE IDOSOS: ENSAIO CLÍNICO RANDÔMIZADO E CONTROLADO	Brandel José Pacheco Lopes Filho	PUC - RS	2015
AS COMPETIÇÕES DE KARATE-DO: PERSPECTIVAS À FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS	Hannah Aires	UFRGS	2015

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

<sup>1</sup> Neste único trabalho – uma dissertação para um mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2006 - , o interesse da pesquisa esteve centrado em uma tentativa de mensuração de problemas como violência e agressividade vividos em ambiente escolar, e no Karate-Do como uma prática hipoteticamente minimizadora desses problemas, tanto no que se refere aos estudantes praticantes, como ao ambiente como um todo (crença e pressuposto extremamente presente no imaginário social e educacional acerca das Artes Marciais; uma dimensão disso está ligada a nosso próprio trabalho).

Após selecionar esses oito trabalhos, foi possível verificar a lacuna existente relacionando o Karate-Do em perspectiva educacional. O contraste é enorme, se considerarmos ainda o tempo de presença dessa Arte Marcial (e de outras, como o Judô) no próprio ambiente escolar, também contado em décadas. Já havíamos, menos formalmente, percebido essa lacuna em leituras e pesquisas realizadas durante a graduação em Educação Física<sup>2</sup> e durante a especialização em Educação Integral<sup>3</sup>, e nesta última principalmente, uma vez que a monografia de conclusão de curso ocupou-se de aspectos educacionais da prática do Karate-Do, o que fez com que nos aproximássemos uma primeira vez da temática.

É interessante apontar que tal lacuna, essa relativamente parca produção teórica em relação a um saber que estaria “além da linha” de uma educação tida como “normal”, convencional, possui uma contrapartida epistemológica: o (por hipótese) pouco reconhecimento acadêmico dado no Ocidente a saberes e práticas de origem, cunho e feitio oriental – talvez, especialmente, do Extremo Oriente, o que é o caso do Karate-Do, japonês. Há muitos modos de se apanhar essa questão, façamos a escolha por um deles: no Ocidente, e de um modo geral, mas persistente, parece negar-se à linguagem gestual-corporal um papel de relevância epistemológica consistente. Sem conseguir-se estabelecer uma concepção antropológica genuinamente holística, portanto, ou que minimamente acolha concepções de mundo não ocidentais, persiste-se por exemplo na compartimentação entre corpo e mente como objetos não apenas distintos, com seus respectivos campos de saber, como também incomunicáveis, priorizando-se sempre a atividade intelectual como produtora do saber, sem qualquer conexão com a corporalidade (aqui, pensamos com Boaventura de Sousa Santos e em seu conceito de “pensamento abissal” – um corpus reflexivo pós-colonial que acolhe a ideia de que existe e precisa ser considerada a variedade de matrizes epistemológicas do mundo, inclusive, no interesse deste trabalho, a matriz (ou matrizes) epistemológica Oriental (SANTOS, 2007). Não é surpreendente que consequências disso recaiam sobre a Educação. Uma decorrência talvez inevitável desse princípio (como uma variável entre muitas outras) é a limitação em termos de conteúdos e a fragmentação curricular, bem como a impossibilidade de se conceber a educação escolar como um caminho profícuo de formação do ser humano na totalidade de suas múltiplas dimensões (FREIRE, 2009).

---

<sup>2</sup> Graduação em Educação Física: URI - Campus de Erechim (2007-2011).

<sup>3</sup> Especialização em Educação Integral: UFFS - Campus de Erechim (2012-2014).

Boaventura de Sousa Santos auxilia-nos a chegar a um diagnóstico de caráter cultural amplo, também no interesse desta pesquisa e no que diz respeito à problemática de se compreender o universo das Artes Marciais e do Karate-Do em sua inserção em contexto educacional e de formação humana. Para esse diagnóstico mais amplo (muitas abordagens diferentes seriam possíveis), portanto, consideramos a já referida característica acentuadamente “abissal” do pensamento acadêmico preponderante no Ocidente. Para Santos (2008), o pensamento abissal moderno caracteriza-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções. Essas distinções estabeleceriam linhas “visíveis e invisíveis”, sendo que as últimas fundamentariam as primeiras. A divisão, nesse caso, seria tal que o “outro lado da linha” desapareceria enquanto realidade. Tornar-se-ia inexistente no sentido de não existir sob qualquer forma relevante ou compreensível. Um exemplo disso é a concessão à ciência moderna e ao discurso racional do status exclusivo nos processos de distinção universal entre o verdadeiro e o falso. Saberes distintos, oriundos de lugares geográficos e de saber que estão posicionados além dessa linha, portanto, como as tradições milenares de sabedorias do oriente, nas quais se incluem a prática das Artes Marciais em enquadramento filosófico e em termos de sistemas de crença religiosa – notadamente o Taoísmo, o Budismo e o Xintoísmo -, tendem a ser incisivamente negligenciadas na ambiência acadêmica.

É justamente desse diagnóstico que emerge o norte articulador e direcionador de nosso trabalho, a saber, a necessidade de se superar esses fracionamentos consagrados pelo pensamento abissal. O Karate-Do, nesse sentido, como expressão de um saber integrador de dimensões cindidas pelo pensamento abissal, emerge como um entrelugar epistemológico privilegiado e intrinsecamente interdisciplinar. Trata-se, portanto, de conceber a prática da Arte Marcial, em primeiro lugar, como uma possibilidade pedagógica de integração de saberes para além das distinções abissais entre o discurso racional do ocidente e as tradições culturais que lhe são distintas e, por fim, também de superação da compartimentação disciplinar dos conteúdos curriculares.

Haveria, neste caso, potencialidades intrínsecas à própria natureza do Karate-Do não só em termos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, mas até mesmo no sentido daquele redimensionamento estrutural que é proposto por Edgar Morin (2010), isto é, a própria noção da *relição*

*dos saberes* (usamos o termo “religação”, aqui, apenas para salientar a necessidade de problematizar o fracionamento das disciplinas – e não em sentido histórico-filosófico, de supor que “um dia os saberes estavam ligados”). Estaríamos, assim, diante de um tema essencialmente transversal, que não pode ser concebido sem a interação orgânica de suas múltiplas camadas (filosofia, religião, ciência, história, antropologia, psicologia, pedagogia, educação física, etc.). Apresentamos assim a hipótese de que o Karate-Do possui potencialidades educacionais concernentes à formação e ao desenvolvimento humano em sentido integral, não se restringindo somente a um aprimoramento técnico de capacidades físicas voltadas para a luta – ainda que essa dimensão seja extremamente importante, e a que possibilita as demais.

Dando seguimento ao trabalho de pesquisa, em um segundo momento foi realizada uma busca na região Norte/Noroeste do Rio Grande do Sul, assumindo o município de Erechim como um “centro”, de projetos de Karate-Do em andamento com vínculo educacional institucional, através de contato com secretarias de educação, escolas públicas estaduais e municipais, e também com escolas particulares. Esse procedimento foi levado a efeito nos sete municípios da região que possuem reconhecida presença, forte, consistente e já histórica (tanto em dojôs particulares quanto em escolas – foco de nosso interesse), do Karate-Do: Marau, Getúlio Vargas, Erechim, Aratiba, Sarandi, Constantina e Floriano Peixoto. Um trabalho de análise sobretudo da fundamentação teórico-pedagógica desse material, pensávamos, forneceria-nos não apenas um diagnóstico acerca de como vem se dando o ensino-aprendizagem do Karate-Do nas escolas da região, e de como vem sendo *pensado* esse ensino-aprendizagem, mas as próprias ênfases que daríamos à nossa própria pesquisa.

Para nossa frustração inicial, porém, verificou-se, com somente uma exceção novamente, que o trabalho desenvolvido nesses lugares com o Karate-Do desenrola-se sem qualquer institucionalidade de tipo documental ou mesmo registros formais, como relatórios ou documentos assemelhados, de acompanhamento do trabalho e das atividades, não tendo sido encontrado nada, também, em termos de projeto de implementação. Nada, nem meramente esboçado. A justificativa dada pelos responsáveis, em geral, é a de que os serviços prestados foram implementados através de licitações cujos termos não exigiam documentos de fundamentação

teórico-pedagógica do trabalho a ser desenvolvido, e, ademais, a implementação teria ocorrido por “demanda da comunidade escolar”, quer dizer, desejou-se atender à necessidade alegada de que o poder público provesse atividades educacionais alternativas e significativas, e o Karate-Do foi uma das escolhas pela “boa repercussão”<sup>4</sup> social que possuiria. Veja-se o Quadro 1.

Quadro 2 - Descrição dos materiais informados e seus respectivos municípios.

MARAU	ERECHIM	ARATIBA	SARANDI	CONSTANTINA	FLORIANO PEIXOTO	GETÚLIO VARGAS
Não informado	PPP de escola de Tempo Integral	Não informado	Não informado	Não informado	Projeto inicial + Relatórios de atividades	Relatórios aleatórios de atividades

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A ausência de um *corpus* documental que presumivelmente trouxesse alguma fundamentação pedagógica, ou filosófico-pedagógica, para o ensino-aprendizagem do Karate-Do, ou que minimamente oferecesse suporte para esse ensino-aprendizagem, mais o conhecimento que acumulei dessa realidade, em razão da proximidade de minha trajetória com esse universo, trouxe a convicção de que o ensino do Karate-Do, tal como vem sendo realizado com educandos vinculados à Escola Básica, encontra-se circunscrito à dimensão estritamente prática da Arte Marcial. Esse ensino apresenta-se, assim, como mais uma atividade física, quantitativa e horizontalmente somada às atividades corporais presentes na disciplina de Educação Física, por exemplo. Entretanto, como já referido, o Karate-Do possui dimensões que são percebidas na literatura como inseparáveis da dimensão física e “esportiva” e, portanto, igualmente relevantes em seu ensino. Têm de ser parte de seu

<sup>4</sup> “Boa repercussão”: explicação formulada e explicitada pelo professor responsável pelas aulas no município de Constantina, onde o projeto foi implantado pelos bons resultados obtidos na cidade de Sarandi, que geraram uma referência positiva. Esse é um exemplo de informação obtida através de algumas das muitas conversas informais que mantivemos com professores de Karate-Do da região durante os últimos dois anos, e que tematizaram a pesquisa. Não realizamos, todavia, entrevistas formais – como parte da metodologia do trabalho. No início, descartamos isso, e mais tarde, quando a documentação obtida mostrou-se insuficiente, não houve tempo hábil para a inclusão dessa metodologia.

ensino. De outro modo, perde-se o “coração” da arte (termo que inclui “mente”, na cultura oriental). Nos termos de Gichin Funakoshi, sua “essência”.

Apresentou-se, assim, a necessidade de se ajustar a proposta original. De fato, ela mudou – mas não substancialmente. Se antes se tratava de verificar os modos pelos quais o ensino-aprendizagem do Karate-Do vinha sendo concebido na região, agora o caso é o de apresentar as bases, conforme as quais, essas lacunas poderão começar a ser preenchidas: o pensamento pedagógico-filosófico de Gichin Funakoshi (1868-1957), o formulador do Karate-Do moderno; aquele a partir de cujo pensamento e prática o Karate-Do justamente começa a ser pensado como uma atividade além das dimensões exclusivamente físicas.

Existe ensino-aprendizagem de Karate-Do na região. É fato. No entanto, esse ensino é destituído de qualquer formalização de seus princípios pedagógicos. Todos os *dojôs*<sup>5</sup> possuem, ou devem possuir, um quadro com a figura de Funakoshi, a qual é reverenciada no início e no fim de cada treino, em um cerimonial repleto de simbolismos. Mas o que Funakoshi está dizendo àqueles professores e estudantes? É preciso trazer esse “dizer” do interior de sua obra. O trabalho, então, assume ainda mais o caráter propedêutico que pretendia ter; torna-se ainda mais necessário que antes, quando se pensava existir documentação.

A proposição de uma tematização sistemática, metódica e regular de todas essas dimensões no ensino do Karate-Do pode (e estas seriam parte das “potencialidades” a que nos referimos) conferir um sentido mais amplo a seu ensino, que contemple os aspectos de formação humana que traz consigo desde sua formulação no Oriente, e que são não vistos, são invisibilizados ou esquecidos no Ocidente<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Dojô é um termo emprestado do budismo: o “lugar em que se pratica o caminho”. Mais comumente entendido como o espaço de treinamento. Conforme David Lowry, “O Dojô e seus significados” (LOWRY, 2011).

<sup>6</sup> Nesse ponto, visualizamos possibilidades que poderão ser desenvolvidas em outros trabalhos, e que aqui mencionamos para reforçar a ideia do auto-apequenamento que em muitos casos o ensino-aprendizagem do Karate-Do se impõe: a ampliação de perspectiva que propomos tem a potencialidade, também, de (1) reposicionar este ensino no que diz respeito à sua relação com a Educação Física, problematizando-a em termos de seu lugar curricular e enriquecendo essa relação; (2) situar este ensino em relação às disciplinas de Filosofia, História, Geografia, Ensino Religioso e Filosofia, ao explicitar uma vocação inter e multidisciplinar, contribuindo para superar o relativo isolamento das atividades físicas no currículo da Escola Básica; (3) oferecer aos educandos uma perspectiva de atividade psicomotora que lhes traga uma formação em perspectiva mais integral e integrada, através de uma práxis pedagógica-emancipatória.

Nosso objetivo passou a ser o de maieuticamente identificar e analisar no pensamento de Gichin Funakoshi (1868-1957), formulador do Karate-Do moderno e pedagogo, os aspectos que transcendem os técnico-físicos dessa Arte Marcial, que potencializem e reponham a inteireza de seu ensino-aprendizagem, e que constituam uma base consistente a ser considerada quando a formulação filosófico-pedagógica do ensino-aprendizagem do Karate-Do nas escolas da região analisada se fizer necessária. É preciso descrever e compreender a aplicação daqueles aspectos, quando presentes (mas que muitas vezes se reduzem à menção de frases soltas de Funakoshi e de outros mestres, sem maior reflexão e contextualização), e explicitá-los quando ausentes – o que, a nosso ver, é o caso.

Assim, o Karate-Do, tal como desenvolvido em projetos educacionais (“projetos não-projetos”, por assim dizer, posto que não fundamentados ou pouco fundamentados, ou fundamentados apenas na dimensão físico-técnica) levados a efeito em escolas, e também em outros espaços de prática, poderá vir a abranger de forma significativa e progressivamente mais integrais das potencialidades de desenvolvimento humano. Poderíamos, talvez – e em termos da região -, estar iniciando um processo de diminuição das lacunas teóricas que se apresentam atualmente e cuja existência pudemos verificar, e, com isso, contribuir também, ainda que em pequeníssima escala, para a superação do “pensamento abissal” com relação ao conhecimento e cultura orientais, introduzindo aspectos desta como parte do acervo humano, como uma riqueza que nos pertence também, e como mais uma ferramenta em busca do desenvolvimento integral da formação humana, uma vez que se trata de uma perspectiva multi-dimensional.

Nossa ênfase interrogativa e analítica se difere aos aspectos pedagógicos do pensamento de Gichin Funakoshi, e o conceito-chave será o conceito de “Caminho”: o “Do” de Karate-Do, quer dizer, o vocábulo-conceito que abrigaria as dimensões e potencialidades que reivindicamos para o ensino-aprendizagem dessa Arte Marcial. O encaminhamento das reflexões nessa direção se justifica porque a compreensão desse aspecto é de fundamental importância para uma apropriada teorização sobre as bases filosófico-pedagógicas dessa Arte Marcial e de sua presença em projetos educacionais, uma vez que, se observa que na maior parte dos casos o discurso de professores e professoras de Karate-Do envolve uma fraseologia de senso comum que, se em parte reflete sua experiência e vivência pessoais, em parte também

mostra-se vazia de conteúdo histórico e filosófico pertinente, misturando-se com ensinamentos de ordem moral corriqueiros, de resto presentes na família e na sociedade mais ampla, de um modo geral.

Procederemos a uma análise descritivo-exploratória do Karate-Do na perspectiva de Gichin Funakoshi (convocando outros autores quando necessário). E por que a escolha do pensamento de Gichin Funakoshi como centro de nossas análises?

Essa opção se justifica porque Gichin Funakoshi é o homem, portanto, que ainda em fins do século XIX reelaborou de modo substancial a natureza e os propósitos do Karate-Do<sup>7</sup>, transformando essa Arte Marcial, de origens milenares e voltada para a guerra e para a defesa pessoal (ainda que sempre com alguma ressonância religiosa e de autodesenvolvimento, constituindo o célebre “paradoxo do guerreiro”<sup>8</sup>) em um saber inserido em âmbito educacional, inclusive universitário - sendo que, nesse, as Artes Marciais são muito presentes, tanto como ferramenta educacional como em termos de programas esportivos. Exemplo disso é a Universidade de Tsukuba, na cidade de Ibaraki, no Japão, onde funciona o Instituto de Artes Marciais e Ciências, possuindo na graduação em Ciências Humanas Abrangentes disciplinas envolvendo o Budô<sup>9</sup> e Artes Marciais como o Karate-Do (TSUKUBA UNIVERSITY, 2019).

Desse modo, portanto, serão realizados apontamentos de conexão entre aspectos históricos e contemporâneos do Karate-Do no que diz respeito ao processo formativo humano em perspectiva educacional, não para estabelecer uma “fonte pura”, “cristalizada”, do Karate-Do lá atrás, ou para apontar o que estaria “errado” em seu ensino e prática hoje, mas com o intuito de evidenciar dimensões e potencialidades desse ensino e prática consideradas importantes no Oriente e negligenciadas, ou mal compreendidas, no Ocidente.

Há uma reconhecida necessidade de desenvolvimento de práticas educacionais que contribuam para o desenvolvimento integral de crianças e jovens na perspectiva do desenvolvimento humano na contemporaneidade. O Karate-Do, em

---

<sup>7</sup> Aqui teríamos, no interesse histórico, de dizer que o mesmo está acontecendo com o Judô e com o Aikidô, na mesma época – Jigoro Kano e Morihei Ueshiba, com Funakoshi, estão (talvez sem sabê-lo inteiramente) modernizando o próprio conceito de Budô. (STEVENS, 2007).

<sup>8</sup> A esse propósito, ver “O caminho do guerreiro: o paradoxo das Artes Marciais” (REID; CROUCHER, 1983).

<sup>9</sup> Budô: “O Caminho da Guerra”.

nossa visão, apresenta-se com a potencialidade de se afirmar como uma prática que contribui sobremaneira exatamente nesse sentido. E se é verdade – e é – que seu ensino encontra-se, no geral, limitado à dimensão estritamente prática da Arte Marcial, é preciso porém sublinhar que essa dimensão não é depreciável – muito pelo contrário: ela é a dimensão principal da Arte Marcial, a dimensão primeira, aquela que se refere ao *fazer*. Na atualidade, o Karate-Do configura-se como uma prática corporal com finalidades múltiplas: esportiva, de competição, relacionada à saúde, à defesa pessoal e assim por diante. Essa parte, entretanto, tem se apresentado como a totalidade da arte. Em grande medida, e sobretudo no ambiente da educação, o que falta é o *pensar o fazer*. A presente pesquisa está relacionada a esse *pensar o fazer* – essa dimensão negligenciada.

O desenvolvimento da pesquisa foi motivado também pela grande quantidade de grupos de treinamento de Artes Marciais existente na região Norte/Noroeste do Rio Grande do Sul (região que constitui nosso marco espacial), entre as quais o Karate-Do faz-se presente em diversas cidades já há aproximadamente quatro décadas, e em outras sendo implementado em anos mais recentes<sup>10</sup>. Com a crescente ampliação de projetos educacionais complementares às matrizes curriculares convencionais envolvendo aulas, oficinas e outras formas pedagógicas em um número variado de áreas do conhecimento, ocorreu de o Karate-Do, na região, ser uma das práticas mais procuradas – sendo que as razões para isso (uma delas, a da “boa aceitação social” acima referida), constituiriam elas mesmas uma pesquisa separada.

O trabalho, em caráter exploratório e descritivo, envolverá então os temas e assuntos relacionados à educação e ao Karate-Do em perspectiva histórica, filosófica e pedagógica, e ao mestre Gichin Funakoshi em especial, tomado aqui como um ponto de partida possível para estudos que venham a compor os conteúdos de base para uma formulação pedagogicamente bem fundamentada de projetos de ensino-aprendizagem do Karate-Do. O pensamento de Gichin Funakoshi, assim, é o elemento articulador do processo de reflexão realizado, situando-se na intersecção entre os aspectos filosófico-pedagógicos que constituem o conceito de “formação humana”, e o ensino-aprendizagem do Karate-Do.

---

<sup>10</sup> A região Norte do Rio Grande do Sul, mais especificamente Erechim, conheceu o Karate-Do no final da década de 1970. O professor Miguel Boaventura, que iniciou o desenvolvimento da arte na cidade, teve sua formação em grandes centros como Curitiba e Porto Alegre, de acordo com relatos de professores e alunos que vivenciaram esse período inicial.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Neste primeiro, de caráter introdutório, foram apresentadas as motivações do trabalho, tanto em termos pessoais como acadêmicos; a delimitação temática ou a exposição do problema, quer dizer: o que o ensino-aprendizagem do Karate-Do na região Norte/Noroeste do Rio Grande do Sul<sup>11</sup> pode fazer para transcender a limitação a seus aspectos físico-técnicos e passar a explorar pedagogicamente as demais dimensões de que é dotado? A justificativa, relevância e viabilidade da dissertação, no sentido de apontar aquela limitação e elaborar em termos históricos e filosófico-pedagógicos as potencialidades do ensino-aprendizagem do Karate-Do. Os fundamentos teóricos, o quadro teórico em torno do qual o texto é elaborado: a noção de pensamento abissal de Boaventura de Souza Santos, a ideia de formação e de desenvolvimento humano na Pedagogia, as concepções filosóficas e filosófico-pedagógicas das Artes Marciais japonesas e o Karate-Do em particular, existentes no interior da noção de “caminho”. As fontes e metodologia: os poucos documentos escolares encontrados em nossa pesquisa, a obra de Gichin Funakoshi como elucidadora dos aspectos pedagógicos potenciais do ensino-aprendizagem do Karate-Do, bem como uma revisão bibliográfica do conceito de “caminho”, entre outros conceitos e noções relevantes.

No segundo capítulo, aprofunda-se a fundamentação teórica a partir de uma contextualização histórica do Karate-Do. Nessa parte do trabalho também é apresentado o autor fundamental desta dissertação, cuja obra tomaremos como fonte, Gichin Funakoshi, o fundador do Karate-Do moderno, por ter concebido e organizado os aspectos formais do ensino da arte, possibilitando a introdução do Karate-Do no sistema educacional japonês, e também a propagação em nível mundial dessa Arte Marcial. Gichin Funakoshi abordou em seus trabalhos precisamente as potencialidades da prática do Karate-Do para a formação humana – interesse prioritário desta pesquisa -, tendo afirmado inclusive que o desenvolvimento técnico não deveria ser o grande objetivo dessa prática. Para isso, além de sempre mencionar a formação humana em suas explanações, também criou ferramentas que orientam a prática “correta” do Karate-Do, quer dizer, aquelas que respeitam sua dimensão não físico-técnica, as quais são também apresentadas nesse capítulo.

---

<sup>11</sup> Se as conclusões podem ser universalizadas e extrapoladas para outros lugares, e a que ponto, é algo que trabalhos posteriores poderão ou não fazer. De qualquer modo, o problema da limitação do ensino, de um modo geral e no Ocidente, aos aspectos físico-técnicos da Arte Marcial, é algo que se pode intuitivamente generalizar, como hipótese e a partir de relatos de professores e praticantes.

O terceiro capítulo expõe o que seriam as perspectivas filosófico-pedagógicas do Karate-Do, a partir das quais podemos compreender suas potencialidades educacionais – compreendendo sobretudo em que termos e em que sentido o ensino-aprendizagem do Karate-Do pode, e deve, transcender os aspectos físico-técnicos da Arte Marcial. Faz-se um trabalho de análise e interpretação do caractere “Do”, “Caminho”, acrescentado à expressão “Karate” (“Mãos Vazias”) por Gichin Funakoshi, e desenvolve-se a hipótese de que o caractere guarda em seu interior todo um universo de concepções, noções e conceitos que, uma vez aberto e explicitado, permite a exploração do que estamos denominando “potencialidades educacionais do Karate”. No quarto capítulo são investigados dois pilares da obra teórica de Gichin Funakoshi – os textos em forma de enunciado de princípios do Dojô-kun e do Niju-kun -, a partir de cuja análise pode-se alcançar não apenas uma compreensão da “dimensão aplicada” do universo de ideias contido no caractere “Do”, como do significado de o que seja uma pedagogia que emerja de uma prática.

No quinto capítulo, apresenta-se um misto de estudo de caso (uma experiência pedagógica ainda em aberto e em curso) e de proposta de intervenção concebida para ser uma expressão das ideias-força deste trabalho

## 2 O KARATE-DO DE GICHIN FUNAKOSHI

A origem mais remota do Karate-Do é tradicionalmente datada de aproximadamente mil e seiscentos anos atrás, quando o monge indiano Daruma (na nomenclatura japonesa; na indiana, Bodidarma, e na chinesa, Tamo), segundo registros históricos no entanto controversos, que se misturam a relatos de tipo lendário e mítico, viajou à China em uma missão para ajudar a difundir o Budismo em algum momento da segunda metade do século V. (NAGAMINE apud ORLANDELLI, 2016).

De acordo com os relatos existentes<sup>12</sup> após viagens pelo território chinês, Daruma estabeleceu-se no Templo Shaolin (existente desde 495, segundo registros chineses; Daruma chega entre 520 e 527), situado nas montanhas Songshan, nas proximidades da atual cidade de Dengfeng, na província de Henan, região nordeste da China. Já havia ali, então, um trabalho bem estabelecido de tradução de antigas escrituras budistas<sup>13</sup>.

As narrativas tradicionais dizem que quando o monge começou a transmitir as práticas correspondentes à doutrina budistas aos chineses, observou que a maioria dos monges mostrava-se despreparada, ou mesmo desistia por falta de preparação física. Isso ocorria principalmente durante a meditação sentada (zazen) em frente a uma parede branca<sup>14</sup>. Então, Daruma desenvolveu um método de treinamento físico baseado em rudimentos de uma forma de luta indiana e em observações de movimentos de animais. Com o passar dos anos esse método sofreu inúmeras adaptações e modificações, servindo como base para diversas formas de Artes Marciais (SOUZA, 2002).

Quase desconhecido em vida, somente por alguns discípulos, Bodidarma é considerado o segundo de seis patriarcas ancestrais por milhões de adeptos ao Zen-Budismo e também do Kung-Fu (ou Wushu, o conjunto complexo das Artes Marciais chinesas) e das Artes Marciais em geral. Personagem de muitas lendas, é citado como a pessoa que também levou o chá para a China. Uma outra lenda sobre sua figura

---

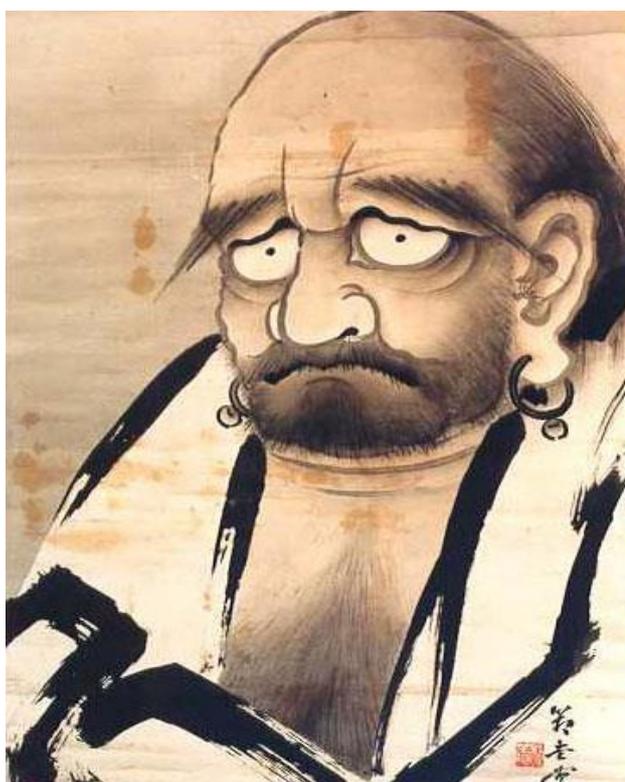
<sup>12</sup> Sumariados por exemplo no “Handbook for Shaolin Temple Tour”, livro que apresenta e sua estrutura contemporânea o templo em que por influência de Daruma se originaram tanto as Artes Marciais chinesas (cujas linhagens chegariam ao Japão, à Coreia e à Tailândia) como o Budismo Ch’an (mais tarde “Zen”, no Japão). Yongxin, Shi. Contemporary China Publishing House, 2006. Sem edição em língua portuguesa.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Conforme James, Andy. The spiritual legacy of Shaolin Temple. Sommerville, MA: Wisdom Publications, 2006.

conta que para não cair no sono durante a prática da meditação, ele teria cortado as próprias pálpebras, sendo frequentemente retratado por artistas, em pinturas ao longo dos séculos, com os olhos esbugalhados (RED, 2018).

Figura 1 - Pintura retratando Bodidarma e seus olhos sem pálpebras.



Fonte: GTA – ÍNDIA (2018).

Através de uma descrição muito de detalhada de Red Pine (2018), podemos nos situar geograficamente e historicamente sobre o monge indiano Bodidarma, que viajou de forma surpreendente entre a Índia e a China para difundir o Budismo, a meditação e também dar os primeiros passos para a origem das Artes Marciais. Esse conhecimento do Budismo e a relação com a meditação para potencializar a busca pela “iluminação” - chamado de Nirvana<sup>15</sup> - deu início ao chamado Zen-Budismo<sup>16</sup>, a prática dos ensinamentos budistas com o uso da meditação.

---

<sup>15</sup> Nirvana: estado de iluminação perante os conceitos budistas. A prática dos ensinamentos Zen, leva o discípulo ao estado de nirvana, ou seja, ao fim de um estado de sofrimento, e também a extinção do egoísmo, à condição de eterna bem-aventurança que nenhuma palavra pode descrever (WATTS, 2016, pág. 22).

<sup>16</sup> Zen-Budismo: forma de cultivar os preceitos antigos do Budismo alinhado a uma rotina de meditação e rotinas de vida normais. Segundo Watts (2016), “... o Zen é encontrado na comunidade monástica

Bodidarma nasceu por volta de 440 d.C. em Kanchi, capital do Reino de Pallawa, no sul da Índia. Brâmane de nascimento, era o terceiro filho do rei Simhavarman. Ainda jovem foi convertido ao Budismo e mais tarde instruído no Dharma por Prajnatarā, um convidado de seu pai, de Magada, antiga região budista. Prajnatarā também deu-lhe a ideia de ir para a China. Com a tradicional rota por terra bloqueada pelos hunos, Pallawa tinha ligações comerciais em todo o sudeste da Ásia, Bodidarma saiu de navio do porto de Mahabalipuram. Depois de viajar ao longo da costa da Índia e da Península Malaia durante três anos, ele chegou ao sul da China, por volta do ano de 475 d.C. (RED, 2018, p. 22).

Após essa breve descrição detalhada de Bodidarma na China, pode-se descrever outros acontecimentos marcantes referentes a sua presença na China, onde que por volta do ano de 496 d.C., o imperador daquela época, mandou construir o famoso e histórico templo Shaolin no monte Sung, na província de Honan. Esse templo Shaolin é o mais famoso da China, e ainda existe como ponto turístico. Originalmente foi construído pelo imperador para outro mestre de meditação da Índia, e não para Bodidarma. E muitos outros mestres Zen-budistas também passaram de forma significativa pelo templo durante esses 1500 anos de história, porém, o nome de Bodidarma é o nome mais associado ao templo devido as histórias e mitos propagados sobre ele, e o início das Artes Marciais no Templo Shaolin (RED, 2018).

Figura 2 - Templo Shaolin, mais de 1500 anos de história.



Fonte: Shaolin (2019).

---

onde mestre e discípulo partilham todo o trabalho para a manutenção do mosteiro - plantando arroz, jardinando, cozinhando, rachando lenha e mantendo o local limpo...”. Na contemporaneidade é muito procurado como forma de equilibrar a mente através da meditação, para redução de estresse e obtenção de foco, perante esse mundo conturbado em que vivemos.

O sentido de o abordarmos aqui não é apenas o de marcar historicamente o momento inaugural das Artes Marciais orientais tal como percebido pela tradição, mas também o de salientarmos que em seu próprio nascimento as Artes Marciais nascem com a intenção de ir além de sua dimensão física. De fato, essa dimensão física estaria, já nas origens, em função de um outro tipo de desenvolvimento, seja mental, seja espiritual. Para o historiador israelense Meir Shahaar, autor de uma das principais obras existentes no Ocidente, desde um ponto de vista acadêmico, sobre o Templo Shaolin – “O Mosteiro de Shaolin: História, religião e as Artes Marciais chinesas”<sup>17</sup> -, nascia ali também o que muitos autores denominam “o paradoxo do guerreiro”: práticas marciais, de luta, voltadas para a guerra, servindo a propósitos de desenvolvimento mental e espiritual, como afirmamos acima, e a um sistema de crenças voltado para uma cultura de paz. Eis o paradoxo. De algum modo isso ainda está presente no imaginário social sobre as Artes Marciais: citamos acima um trabalho universitário em que a prática do Karate-Do nas escolas é visto como um elemento diminuidor da violência e da agressividade, e apontamos seu ensino-aprendizagem sendo percebido socialmente como algo virtuoso – seu “impacto social”, na demanda das famílias das cidades da região que ora estudamos.

Essa marca atravessou os séculos e a história das Artes Marciais, bem como sua transmissão/ensino. O próprio Karate-Do foi construído, constituído sob princípios filosóficos e éticos que baseados na cosmovisão do Budo (oportunamente explicada e desenvolvida), realidade cultural que o insere em um caminho de aprendizagem, propriamente um “Caminho” para a vida como um todo, compreendida essa aprendizagem para além do Dojô – o local de treinamento -, servindo de preparação, simbólica e metaforicamente, para as “batalhas” internas e externas que os seres humanos, supostamente, enfrentam durante toda sua existência, individual e socialmente (SASAKI, 1993). De acordo com Oliveira, Telles, Barreira (2019), o Karate-Do emerge como um produto de variadas culturas, tendo sua origem na Ilha de Okinawa, Japão, historicamente um local de passagem do comércio marítimo regional, com razoável diversificação cultural. O surgimento dessa Arte Marcial tem registros com uma conotação transitória entre o histórico e o lendário, na maioria das vezes traduzidas em uma sequência temporal de acontecimentos relacionando técnicas de luta consideradas “milenaes”.

---

<sup>17</sup> São Paulo: Perspectiva, 2011.

Mesmo o Karate-Do sendo uma Arte Marcial com essa origem e desdobramentos milenares, somente em fins do século XIX e início do século XX houve um esforço para sistematizar sua prática através de uma pedagogia e de metodologias educacionais, ou seja, trata-se de uma abordagem relativamente nova para uma atividade historicamente moldada para o desenvolvimento físico e a autodefesa, ainda que com pretensões a constituir uma “senda” espiritual ao “unir corpo e mente” e dialogar com filosofias e sistemas de crença como o Budismo. Claramente essas relações, naquele momento histórico – de modernização do Japão em termos capitalistas e ocidentalizantes -, apresentavam-se como não bem resolvidas, já que o mesmo esforço pedagógico estava ocorrendo no Judô e, um pouco mais tarde, no Aikidô – as chamadas três formas do Budo moderno. Foi através de mudanças desse tipo, voltadas para preocupações educacionais, que o Karate-Do iniciou, ainda localmente mas já se expandindo para a capital japonesa, a partir da década de 1920, sua notável expansão até os dias de hoje.

Faz-se necessário explicar o significado da palavra Karate, que literalmente significa “Mãos vazias”, sendo formada pelos vocábulos “Kara = Vazio”, e “Te = Mãos”. Isso vem a explicar, em sentido literal e de forma histórica, porque essa arte não utiliza armas em sua prática: seu desenvolvimento ocorreu para o fortalecimento do corpo e para a defesa pessoal sem o uso de armas, após os governantes de Okinawa suspenderem o uso das mesmas para prevenção de possíveis revoltas (SANTOS, 2008). Após – e emprestado do Budismo - foi agregado o caractere “Do”, que significa “caminho”, conferindo à palavra um sentido polissêmico e filosófico de contexto amplo e complexo – buscar-se-ia um desenvolvimento e fortalecimento físico e também “espiritual” (SASAKI, 1993).

Mas é importante ressaltar que “mãos vazias” não foi o significado original de Karate. Como Okinawa esteve em contato estreito com a China por séculos (inclusive em razão da proximidade geográfica), não é de se surpreender que “mãos chinesas” - o sentido primeiro de “Karate” - nomeasse as muitas outras Artes Marciais baseadas em modelos chineses que eram praticados na ilha. Os okinawanos aprenderam diversas formas de boxe em suas viagens comerciais a China, assim como mestres imigraram e praticaram/ ensinaram na própria ilha. Há evidências de que algumas técnicas também foram importadas dos sistemas de lutas com mãos vazias da Indochina. Em grande parte, porém, essas formas de boxe nunca foram além de lutas

de rua, uma diversão popular nos conturbados portos de Okinawa (STEVENS, 2007, pág. 55-56).

Além das formas importadas do boxe chinês, parece que, através dos séculos, também foram criadas formas nativas de Arte Marcial pelas classes altas de Okinawa. Esses sistemas nativos eram chamados de Okinawa-te, “mãos de Okinawa”. Privados pelo governo, como já mencionado, de armamentos convencionais, os habitantes da Ilha inventaram métodos de transformar instrumentos de uso diário, tais como bastões e pequenas foices, em armas. Os desconfiados senhores que dirigiam a sociedade naquele contexto ordenaram que muitas ferramentas ficassem trancadas em depósitos governamentais, obrigando os camponeses e pescadores a retirá-las a cada manhã (STEVENS, 2007, pág. 57).

Em Okinawa, a prática de Artes Marciais nunca teve o mesmo tipo de apoio popular que o Budo conheceu no Japão continental, e jamais existiu uma classe de guerreiros profissionais bem armados que se comparasse aos samurais e sua bem consolidada tradição. De fato, nos “tempos antigos” (em geral o século XIX, na memória dos karatekas<sup>18</sup> da primeira metade do século XX ), nunca houve Dojô em Okinawa - o Karate era praticado à noite, atrás dos muros de jardins residenciais, no interior das florestas ou ao longo das praias desertas. Nem havia uniforme próprio para o treinamento, o “kimono”, ou, mais tecnicamente, o “Karate-gi” - os praticantes de Karate de Okinawa costumavam vestir o mínimo indispensável. O que também entrava em contraste com o Japão continental - onde as técnicas eram cuidadosamente catalogadas em rolos de pergaminho e as linhagens de transmissão claramente delineadas e definidas -, era que em Okinawa quase nada era escrito, não se mantinham registros, o que tornava praticamente impossível chegar a ter-se uma ideia coerente da história das Artes Marciais e a ilha de Okinawa (STEVENS, 2007, p. 57), ao menos do ponto de vista de uma história convencional, baseada em documentos.

O interesse estrangeiro pelo Karate-Do aumentou de modo considerável na década de 1950, ou seja, no pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente através da divulgação feita por militares americanos e europeus. O octenário Gichin Funakoshi, juntamente com alguns de seus alunos mais importantes, realizou uma bem recebida

---

<sup>18</sup> Mantivemos a grafia “karateka” em vez de karateca, mais comum no Brasil, em razão de aquele “ka” significar “praticante”, e não um mero sufixo.

e bem sucedida viagem de instrução pelas bases aéreas norte-americanas em 1953. Um filme intitulado “Karate-Do”, com narração em inglês e mostrando brevemente Gichin Funakoshi, foi lançado em 1954 e distribuído no mundo inteiro. Os sucessores de Gichin Funakoshi no Shotokan, especialmente Masatoshi Nakayama (1913 - 1987), mais tarde difundiram os ensinamentos do mestre para todas as partes do globo. (STEVENS, 2007, p. 89).

Após o término da Segunda Guerra Mundial, militares estado-unidenses e europeus que fixaram residência provisória no Japão com o intuito de operacionalizar os tratados pós-guerra tiveram contato com diversas Artes Marciais, entre elas o Karate-Do, considerado naquelas circunstâncias o sistema de luta mais funcional e adaptável para uso militar. Sendo assim, os oficiais das Forças Armadas, principalmente dos Estados Unidos da América, passaram a fazer relatos elogiosos em relação à prática do Karate-Do, e, o mais importante, solicitaram que fossem enviados instrutores dessa arte para a América. Do mesmo modo, as nações europeias envolvidas também solicitaram o envio de instrutores japoneses de Karate-Do para seus países (FUNAKOSHI, 2014).

Após receber os instrutores oficiais de Karate-Do, o Ocidente, porém, preocupou-se primeiramente com o uso prático da Arte Marcial, ou seja, sua eficiência em termos de defesa pessoal e de uso na guerra. Assim, no início, os praticantes ocidentais não conseguiram captar o real sentido da prática do Karate-Do, que seria o desenvolvimento integral dos seus praticantes como pessoas humanas, que o aperfeiçoamento e o cultivo do caráter – do *ser* - seria o objetivo maior a ser buscado (NAKAYAMA, 1978).

Esses aspectos implícitos na cultura japonesa que os ocidentais sentem dificuldade em perceber ou assimilar são características culturais moldadas por séculos. De acordo com Lowry (2011), essa conduta dos japoneses de mostrar-se ao mundo, em que são introspectivos, fechados e recatados no geral, e extrovertidos em círculos mais íntimos, pode ser classificada como "Omote" e "Ura", sendo esse tipo de expressão difícil de compreender inclusive na transmissão de atividades tradicionais como o Karate-Do, ou outras artes japonesas, não apenas marciais. Lowry entende a oposição “Omote” e “Ura” como categorias culturais e sociais amplas, que se expressam de muitas formas na cultura em sentido estrito.

O lado omote de uma arte são as técnicas visíveis e suas manifestações. O omote de um Kata<sup>19</sup>, por exemplo, pode ser o que um observador desinformado quanto ao treinamento vai pensar que é uma sequência de combates combinados com antecedência. Uma espada é colocada contra outra, bloqueando um ataque no meio de uma sequência de ataque e defesa. A face ura do mesmo movimento, entretanto, pode ser completamente diferente (LOWRY, 2011, p. 20).

Tais aspectos foram assimilados, ressignificados e estrategicamente estruturados no interior da prática por Gichin Funakoshi.

Defendemos a ideia de que, em parte, naquele movimento de mundialização, e de ocidentalização, nessa apresentação do Karate a outras culturas, elementos do “Do” ficaram para trás, esquecidos. O aspecto “Ura” da arte não foi percebido. É como se o Ocidente houvesse visto apenas a dimensão mais aparente da Arte Marcial: o Karate, ou se interessado apenas por essa dimensão.

Nesse ponto, é importante reafirmarmos que não se pode no entanto negligenciar essa dimensão tão importante quanto as demais descritas nesse trabalho – e mesmo condição para que as demais existam -, e que é sem dúvida a mais visada ou lembrada por quem procura as Artes Marciais em geral, envolvendo o desenvolvimento de capacidades físicas, questões de saúde e mesmo a participação em competições de cunho esportivo, com o intuito de desenvolver as capacidades físicas de forma mais acentuada e, conseqüentemente, em competições esportivas. Acreditamos que o chamar a atenção para as dimensões que desejamos destacar neste trabalho só valoriza esta primeira e mais aparente dimensão, que é conceitualmente definida do seguinte modo: uma Arte Marcial de origem oriental, mais precisamente japonesa, que, segundo se enquadra na categoria “Lutas”, pois possui um complexo sistema de atividades específicas desse enquadramento, e uma linguagem que envolve ataque e defesa corporais definidos historicamente (DRIGO et al., 2005). Se nos voltarmos para a área da Fisiologia do exercício, encontramos no estudo de César et al. (2002) que o Karate consiste em uma atividade física com significativo componente anaeróbio, sendo um exercício de alta intensidade e que independe do sexo, idade e peso corporal do atleta – sendo sua prática, portanto, consideravelmente universal.

---

<sup>19</sup> Kata: sequência pré-ordenada de movimentos técnicos específicos do Karate-Do. Todos os Kata começam com um movimento de defesa, pois, como o mestre pregava, o Karate-Do não deve apresentar o intuito de agressão. Na lápide de Gichin Funakoshi consta a inscrição “Karate ni sente nashi” que significa “No Karate não existe atitude ofensiva”.

Ao finalizar esta seção, espera-se que seja compreendido o que o Karate-Do significa e também seja entendido que sua origem, como a das demais Artes Marciais, é historicamente incerta. Porém, no decorrer do presente estudo, será possível entender a origem de um Karate-Do moderno, que se encontra situado nos séculos XIX e XX, e que se expressa através da figura de Gichin Funakoshi.

## 2.1 A PEDAGOGIA DO KARATE-DO

Gichin Funakoshi não era um exímio guerreiro, pois tinha por volta de 1,50 m de altura e um corpo de certa forma frágil. Em um de seus livros (Meu modo de vida), ele descreve que começou a praticar o Karate para enfrentar problemas de saúde relacionados ao sistema respiratório. Sua decisiva contribuição para esta Arte Marcial, no entanto, foi desde o início marcada pela preocupação pedagógica: desejava torná-la mais simples para o aprendizado de seus alunos. Professor de escola primária, tinha em mente a necessidade de desenvolver metodologias adequadas para o ensino do Karate-Do, com o objetivo de que os que o praticassem conseguissem assimilar as técnicas para utilização em caso reais de necessidade, e, ainda, que as vivências e experiências durante o período de treinamento no Dojô auxiliasse a que desenvolvessem aspectos relacionados à vida como um todo (BARREIRA; MASSIMI, 2003).

Particularmente, Funakoshi empenhou-se para que o Karate-Do fosse uma forma de desenvolvimento do caráter – termo recorrente em sua obra. Sua morte ocorreu em Tóquio no ano de 1957, sendo que sua vida foi inteiramente dedicada a esforços no sentido da construção, aprimoramento e divulgação do Karate-Do compreendido como uma pedagogia voltada a vida humana (BARREIRA; MASSIMI, 2003).

A expansão do Karate pelo mundo ocorreu rápida e entusiasticamente século XX afora. Os germens dessa expansão são devidos a Gichin Funakoshi, que após levá-lo da ilha de Okinawa ao Japão foi, por todo o trabalho realizado em vida e continuado por seus discípulos, tido como o fundador do Karate moderno. Em seus livros sustentou que essa forma de combate sem armas, praticada por militares e, sobretudo, civis, antes de incitar à violência seria, se adequadamente ensinada, uma arte para a educação e aperfeiçoamento da personalidade do praticante. Talvez a transmissão dessas ideias, na

mesma linha educacional proposta por Jigoro Kano<sup>20</sup>, tenha sido responsável pelo respeito com que o karate ainda hoje é visto (BARREIRA; MASSIMI, 2003, p. 379).

Segundo ele próprio em sua célebre e muito editada autobiografia, “Karate-Do – O meu modo de vida”, Gichin Funakoshi nasceu em Shuri, capital de Okinawa, no ano de 1868, mesmo ano da Restauração Meiji, período de mudanças revolucionárias na estrutura governamental do Japão, de sentido ocidentalizante, modernizante e capitalista, como já observado. Um fato curioso é que o ano de registro oficial de seu nascimento é 1870, e Funakoshi justifica essa alteração devido à possibilidade de realizar um exame de que somente participavam pessoas nascidas a partir de 1870 (STEVENS, 2007).

A família de Gichin Funakoshi pertencia à classe Shizoku, a pequena nobreza de Okinawa, fortemente ligada às tradições okinawanas. Seu avô foi um renomado intelectual especialista em confucionismo (uma das fontes das Artes Marciais), chegando a ser tutor da família real, ambiente em que, além de ensinar sobre os clássicos confucianos, era tido como um conselheiro pessoal da família. Aposentou-se com uma boa pensão devido a esses serviços reais, conseguindo também acumular uma certa fortuna. Porém, o pai de Gichin, Gisu Funakoshi, viciado em bebida e jogos de azar, acabou por dissipar a riqueza da família, que não conseguiu manter o padrão social e intelectual estabelecido pelo patriarca (STEVENS, 2007). Barreira e Massimi (2003) sublinham que Gichin Funakoshi nasce em uma circunstância familiar de exíguos recursos financeiros.

Pouco tempo depois de seu nascimento prematuro de sete meses, Gichin Funakoshi foi levado para a casa de seus avós maternos, onde presumivelmente seria melhor cuidado em sua condição extremamente frágil de saúde. Não havia a expectativa de que fosse viver muito além dos anos de infância. Surpreendentemente, porém, transformou-se em uma criança saudável, embora “um pouco fraco”. Graças ao convívio com seus avós, teve a oportunidade de estudar os clássicos chineses e também de matricular-se na mesma escola do filho do célebre mestre de Karate antigo

---

<sup>20</sup> Jigoro Kano: fundador do Judô, nascido em 28 de outubro de 1860, em Mikage no Japão, foi membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) representando o Japão. Sendo que, durante essa vida em prol do Judô e outros esportes, uma vida itinerante de reuniões, Jigoro Kano em 1938, em uma reunião do COI no Cairo, tentando levar as Olimpíadas de 1940 para Tóquio, acabou adoecendo no retorno para o Japão e morreu no dia 4 de maio de 1938 aos 78 anos (STEVENS, 2007, p. 46).

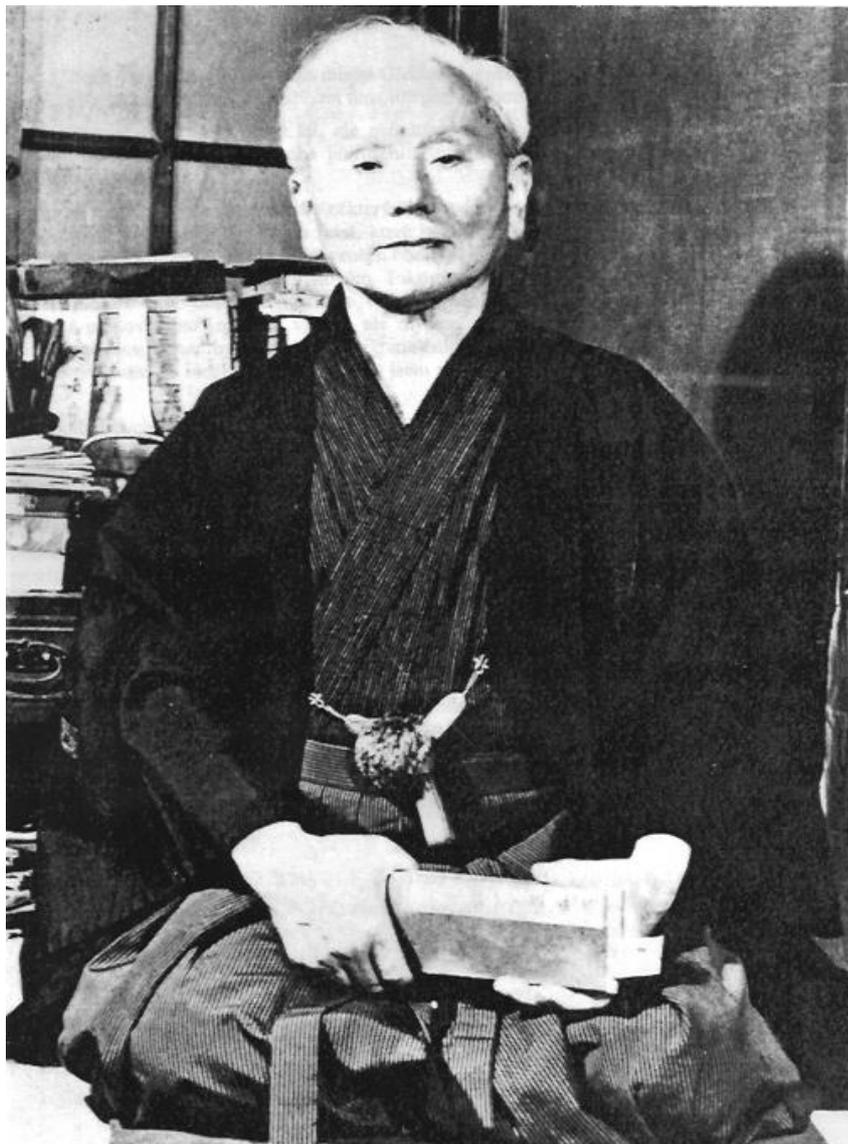
(Okinawa-Te), Yasutsune Azato, que nasceu em 1827 e morreu em 1906, e que havia sido conselheiro dos últimos reis de Ryukyu (arquipélago provinciano japonês). O trabalho desse célebre mestre japonês foi de fundamental importância para a construção do Karate-Do como o conhecemos hoje: suas práticas e rotinas de treinamento constituíram uma espécie de fundamento para a arte, sendo que, mudanças significativas em relação a essa base viriam. Segundo relato do próprio Funakoshi, esse fato mudou todo o curso de sua vida, pois desse momento em diante, sua vida e o Karate-Do tornaram-se unificados (BARTOLO, 2009). Em 1888, tornou-se professor primário, tendo como base de sua formação o citado aprendizado que teve dos clássicos chineses sob a supervisão de seu avô materno e de Yasutsune Azato.

Na Figura 3, pode-se visualizar uma das imagens mais conhecidas de Gichin Funakoshi, sentado na postura denominada “Seiza”, que é uma das mais básicas utilizadas no Karate-Do, assim como em outras Artes Marciais e artes vinculadas ao “Do” (a Cerimônia do Chá, por exemplo) e na cultura oriental de um modo geral<sup>21</sup>. Ele encontra-se em uma sala de estudos, ou algo semelhante, o que pode ser deduzido pela quantidade de escrituras e livros ao fundo da imagem, vestido com uma roupa tipicamente japonesa da época. A descrição dessa imagem é necessária para o leitor, pois quadros emoldurados e com essa imagem, são encontradas em todos os dojôs de Karate-Do do estilo Shotokan, ficando em uma parede para a qual os praticantes se volta para realizar cerimonial inicial e final de todas sessões de treinamento dessa Arte Marcial. Para além do cerimonial, acredita-se que se deve voltar a “ouvir” o que essa imagem está a enunciar.

---

<sup>21</sup> A postura “Seiza” é um exemplo simples de diferença e limites na transposição cultural de práticas como a do Karatê. Extremamente natural para japoneses, é difícil que um ocidental a consiga manter mesmo que por poucos minutos.

Figura 3 - Gichin Funakoshi (1868 – 1957).



Fonte: JKA (2019).

Nessa união citada pelo autor, entre sua vida e o cultivo do Karate-Do, Gichin Funakoshi tornou-se um grande admirador e estudioso dessa arte, a qual em sentido nato, pode ser considerado tão antigo quanto a espécie humana. Ele explica essa afirmação argumentando que o ser humano, desde os primórdios, terá sido presumivelmente obrigado a enfrentar, sem o uso de armas, forças hostis de variadas formas da natureza, animais, e também adversários ou inimigos de sua própria espécie humana. Porém, nas situações em que havia um equilíbrio maior de forças, principalmente entre dois humanos, ele foi obrigado a desenvolver técnicas de defesa e também de preparação e fortalecimento do corpo. Dessa forma, e na perspectiva de um “exercício do espírito”, temos com a descrição de Gichin Funakoshi, que as lutas

estão enraizadas na origem do homem, sendo o Karate-Do uma evolução específica, na modernidade e mesmo na contemporaneidade, desse desenvolvimento remoto (FUNAKOSHI, 2010).

Um ponto relevante a respeito da designação convencionada “pai do Karate-Do moderno” é que, enquanto Jigoro Kano e Morihei Ueshiba<sup>22</sup> são reconhecidos respectivamente como os “fundadores” do Judô Kodokan e do Aikido, Gichin Funakoshi é visto como esse “pai” mais no sentido de um representante e um modelo desse estilo dessa Arte Marcial, e não o seu verdadeira ou genuinamente seu criador. Funakoshi também apresentava muitas diferenças sociais com relação ao mestre Kano e ao mestre Ueshiba, pois estes já eram conhecidos e reconhecidos por sua arte em Tóquio, enquanto Gichin Funakoshi viria de uma região do interior do Japão, vista como provinciana, o que tornava o mestre do Karate-Do alguém que teve de enfrentar inúmeras adversidades para viver e trabalhar distante de sua realidade social.

Para Gichin Funakoshi, era crucial que seu pensamento e ideias fossem transmitidos a seus alunos ao longo do tempo – e *pela prática*. O contato cotidiano, estreito, entre professor e estudantes, era considerado o ponto fundamental na tentativa de preservação do que entendia como a essência do Karate-Do, tanto no que diz respeito à dimensão prática da arte, como aos aspectos filosóficos e espirituais que lhes seriam inseparáveis e que deveriam estar presentes.

As dificuldades encontradas, porém, pelos ocidentais na compreensão do Karate-Do em sua profundidade, podem ser explicadas em grande medida pela enorme influência que as Artes Marciais como um todo sofreram do pensamento filosófico e religioso do Oriente. Sabe-se que no Oriente o que chamamos de filosofia, ou de pensamento filosófico, não está separado de maneira rigorosa do que chamamos de religião. Essa mentalidade filosófico-religiosa oriental provinha principalmente do xintoísmo (religião nativa do Japão), do confucionismo e do Budismo – sendo que, nas Artes Marciais a forma Zen do Budismo foi a mais aceita em suas práticas por serem mais brandas e pragmáticas (BARREIRA; MASSIMI, 2003, p. 380).

---

<sup>22</sup> Os chamados “três mestres do Budo moderno”. Morihei Ueshiba: fundador do Aikido, nascido em 14 de Dezembro de 1883, em Tanabe no Japão, falecido em 26 de Abril de 1989, aos 86 anos. Deixou como último ensinamento aos discípulos a seguinte mensagem: “o Aikido é para o mundo todo. Não serve a propósitos egoístas ou destrutivos. Treinem intensamente para bem de todos”(STEVENS, 2007, pág. 133).

Essa tentativa de transmissão da prática considerada “essencial”, verdadeira ou fidedigna, do Karate-Do, concebida pelo mestre Gichin Funakoshi, sofre muito no Ocidente, portanto, com as distâncias geográfica, cultural e temporal, ainda que o aspecto referente à moralidade, mesmo que nem sempre satisfatoriamente explicado ou descrito, seja marcadamente presente e de certo modo cobrado pelos instrutores nos processos de ensino-aprendizagem do Karate-Do. Porém, outros aspectos, como os ligados à espiritualidade e à noção de “Do”, muito presentes na prática no Japão, na maioria das vezes é negligenciada ou trabalhada de forma superficial, por falta de compreensão e preparo dos professores, porém, ainda tolerável pelo caráter inovador do Karate-Do nessa perspectiva.

Essas ideias ligadas à noção de “Do” e à prática significativa do Karate-Do não estão enunciadas de forma clara e coerente na bibliografia existente, ou, por outra, estão esparsamente enunciadas, seja na tradição oral, seja de forma subjacente à prática da arte nos Dojô, seja na bibliografia, livros e artigos. Este é um dos desafios do presente trabalho. Perceber a presença em potencial, de todas aquelas ideias que tentam sobreviver ao tempo e à distância da origem do Karate-Do, demonstrando. Masatoshi Nakaiama, discípulo de Gichin Funakoshi, por exemplo, afirma: “O Karate-Do é uma Arte Marcial para o desenvolvimento do caráter através do treinamento, para que o karateka possa superar quaisquer obstáculos, palpáveis ou não (NAKAIAMA, 1977).

Esse pensamento de desenvolvimento do caráter através do treinamento, para Gichin Funakoshi, refere-se ao desenvolvimento da personalidade dos karatekas de uma forma agradável, seguindo os princípios do Dojô-kun, que será comentado adiante, que trabalha noções de valores com respeito e humildade. Dessa forma, quando o mestre descreve que o Karate-Do tem como objetivo desenvolver o caráter de seus praticantes, preterindo instigar os melhores sentimentos das pessoas, preocupando-se no decorrer da vida em contribuir com a sociedade em prol de um desenvolvimento coletivo. E com isso, atitudes e pensamentos agressivos, arrogantes, e com tonalidade de maldade, segundo Gichin Funakoshi, não condizem com o espírito de um verdadeiro karateka, devendo esse tipo de sentimento ruim ser combatido pelos princípios norteadores dessa Arte Marcial.

Verifica-se que esse postulado encontra eco diretamente na obra de Funakoshi, que forma uma espécie de cânone, a base de ideias para o natural

trabalho interpretativo realizado ao longo do tempo, e para mudanças também. Podemos verificar na citação a seguir uma linha de coerência e alinhamento entre o pensamento de Masatoshi Nakayama e Gichin Funakoshi:

[...] pense na vida de cada dia como um treinamento em karate. Não limite o karate apenas ao Dojô, nem o considere apenas um método de luta. O espírito da prática do karate e os elementos do treinamento se aplicam a todos e a cada um dos aspectos da nossa vida diária. O espírito nascido do esforço e do ranger os dentes de frio no treinamento durante o inverno, ou nascido do suor no treinamento do verão, pode ser-lhe muito útil em seu trabalho. E o corpo que se forjou nos chutes e socos da prática intensa não sucumbirá às provocações de estudar para um exame difícil, ou de levar a cabo uma tarefa enfadonha. Alguém cujo espírito e força mental, se fortaleceram através das lutas com uma atitude de nunca desanimar não deve encontrar dificuldade em enfrentar nenhum desafio, por maior que ele seja. (FUNAKOSHI, 2014, p. 71).

Na transcrição acima, podemos subentender realismo e humildade na postura e modo de expressão de Funakoshi: em seu último livro, após manifestar com alegria sua autopercepção de uma vitoriosa empreitada de vida, enfatiza que o mérito de o Karate-Do ser à sua época conhecido em quase todo o mundo se deve inteiramente aos esforços de seus alunos, que eventualmente tornaram-se mestres, e também de seus colegas/amigos, após anos de intensa dedicação. Todo esse esforço serviu para o prestígio que o Karate-do atingiu em diversas áreas (esportiva, educacional, da saúde física e mental, etc.). “Quanto ao meu próprio papel, sinto que o mesmo não foi mais que o de um apresentador, alguém abençoado pelo tempo e pela oportunidade para aparecer no momento oportuno.” (FUNAKOSHI, 2010, pág. 5). Na tradição das Artes Marciais – e aqui há um outro paralelo importante com as religiões orientais – é de extrema importância a transmissão do saber de mestre para discípulo. A literatura formada por livros e documentos é relevante, mas nada substitui a existência de um mestre *vivo* que encarna a tradição e a transmite. É nesse sentido, com esse peso, que declarações como a dessa citação devem ser lidas.

No interior dessa transmissão, a contribuição mais expressiva de Funakoshi está ligada às potencialidades educacionais dessa Arte Marcial. Antes de Gichin Funakoshi e seus contemporâneos Jigoro Kano e Morihei Ueshiba, as Artes Marciais no Japão vinham sendo vistas quase que exclusivamente como meios de forjar o corpo para o combate. Durante o século XX, entretanto, aqueles mestres conseguiram contextualizar esses propósitos físicos em relação ao desenvolvimento humano

através do treinamento físico e mental nas Artes Marciais. Na sequência do trabalho, serão abordados elementos históricos sobre como o Karate-Do foi inserido no sistema educacional japonês.

### **2.1.1 O Karate-Do e a sua introdução na educação formal**

Barreira e Massimi (2006) afirma que o início do movimento de propagação do Karate-Do a partir do trabalho de Gichin Funakoshi se deu por volta do ano de 1920. A primeira apresentação pública da arte ocorreu em 1917, para a realeza, em Tóquio, a capital japonesa. Em 1922, a pedido do próprio imperador, foi trazido um instrutor okinawano para lecionar em Tóquio: o próprio Funakoshi. O Karate-Do praticado nesse momento já tinha como objetivo principal o desenvolvimento do ser humano como um todo, e conferia grande ênfase ao que seriam aspectos espirituais, diferentemente de outros sistemas de luta que valorizam a superioridade física, com pouca ou nenhuma antecção a outros aspectos (SASAKI, 1993).

Uma demonstração dessa ênfase pode ser percebida no fato de Funakoshi, em sua autobiografia, haver relatado que após obter sucesso no empreendimento de alterar o uso do termo Karate de “Mãos Chinesas” para “Mãos Vazias”, em um segundo momento, com o acréscimo do “Do”, passou a desenvolver a ideia de alcançar uma perspectiva pedagógica para sua arte, revisando e buscando simplificar o ensino do Karate-Do. Funakoshi também faz referência à esperança que tinha de ver o Karate-Do incluído na Educação Física, e, por via dessa inclusão, ser ensinado nas escolas públicas. Daí o intuito de facilitar o ensino, principalmente da simplificação dos kata, através de revisões e testes no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos.

Temos nas seguintes palavras uma ideia de como justificativa seu trabalho árduo em prol da educação:

Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as Artes Marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa. Considerando que não há atualmente, e nem nunca houve, nenhuma regra rígida com relação aos vários kata, não é de surpreender que esses tenham mudado não somente com os tempos mas ainda de instrutor para instrutor. O mais importante de tudo é que o karatê, como uma forma de esporte utilizada na

educação física, deveria ser bastante simples para ser praticado sem maiores dificuldades por todos, jovens e velhos, meninos e meninas, homens e mulheres. (FUNAKOSHI, 2010, p. 31).

Antes do entorno de 1920 e do aparecimento desse tipo de preocupação, entretanto, o Karate foi praticado por muito tempo em segredo, e aos poucos começou a aparecer após a Restauração Meiji (1868). Um dos primeiros e significativos momentos de exposição pública do Karate deu-se em uma demonstração realizada pelo mestre Itosu, colega e amigo do já mencionado mestre Azato, para o comissário de educação Shintarô Ogawa, que teria ficado impressionado ao ver uma prática tão complexa e organizada. Isso ocorreu por volta de 1892, e o fato constituiu um dos primeiros contatos do Karate-Do com o público em geral e também com a educação, mesmo que de forma indireta ou política. (STEVENS, 2007).

Dentre as histórias relatadas na autobiografia de Funakoshi (2010), conta-se de um evento igualmente importante no ano de 1901, ou 1902, em que o então inspetor escolar Shintarô Ogawa, da prefeitura Kagoshima, foi realizar uma inspeção educacional, comum no sistema educacional japonês. Para essa visita do inspetor foram preparadas várias apresentações em sua homenagem, inclusive uma de Karate-Do, que causou excelente impressão, conforme relatório apresentado ao Ministério da Educação, sendo elogiadas entusiasticamente as virtudes da arte. O resultado e a repercussão do relatório do inspetor Ogawa culminou na implantação do Karate-Do no currículo escolar das escolas secundárias da prefeitura de Daiichi, onde Gichin Funakoshi lecionava na educação básica. Dessa forma, o Karate-Do saía dos espaços circunscritos dos Dojô e passava a ser considerado uma ferramenta educacional, obtendo a aprovação do Ministério da Educação japonês. A partir de 1906, demonstrações públicas de Karate-Do tornaram-se mais frequentes em Okinawa, sempre com Gichin Funakoshi como idealizador e organizador. (STEVENS, 2007).

O Karate-Do começou a difundir-se e crescer de forma consistente a partir desses eventos, e a exercer renovada atração sobre todo tipo de pessoa, quer dizer, universalizando-se, com a sua inserção nos currículos escolares. Após a inclusão nas escolas secundárias (o equivalente ao nosso ensino médio), as organizações de jovens e as escolas primárias (o equivalente ao nosso ensino fundamental) também o Karate-Do também foi adotado como sistema de autodefesa como parte integrante

da disciplina escolar Educação Física (Funakoshi, 2010). Encontrava-se, no entanto, ainda circunscrito à ilha de Okinawa.

Funakoshi sublinha o momento em que o Karate-Do começa a despertar a curiosidade de todo o Japão, agora não somente na área da educação, mas angariando o apoio da força militar japonesa:

Então, em 1912, a Primeira Esquadra Imperial da Marinha, que estava sob o comando do almirante Dewa, ancorou na baía de Chújo, e doze membros da tripulação do navio permaneceram durante uma semana no dormitório da Escola Secundária de Daiichi para observar e praticar karatê. Assim, graças ao entusiasmo do capitão Yashiro e do almirante Dewa, o karatê começou a ser comentado em Tóquio, mas era realmente muito pouco conhecido ainda. Pelo que me lembro, foram necessários mais dez anos para que os karatekas de Okinawa fossem a Tóquio para apresentar e ensinar a arte. (FUNAKOSHI, 2010, p. 36).

Após essa visita dos militares em 1912, Funakoshi recebeu um para realizar uma apresentação do Karate de Okinawa no célebre pavilhão de Artes Marciais de Kyoto, o Botoku-den – apresentação considerada a primeira da ser feita fora de Okinawa, e patrocinada oficialmente. Mesmo que após início do período Meiji muitas pessoas que praticavam o Karate de forma velada tenham saído de Okinawa para o Japão continental, até esse momento nunca havia sido realizado nenhum evento que apresentasse o Karate em âmbito nacional. (STEVENS, 2007).

Em 1921 outro fato relevante ocorre, quando o príncipe herdeiro Hirohito, após retornar de uma viagem à Europa, faz uma escala em Okinawa a bordo de um navio comandado pelo capitão Norikazu Kanna, natural da ilha - o que poderia justificar a parada do futuro imperador ali. Nessa ocasião, Funakoshi organizou uma apresentação com a qual o príncipe teria ficado vivamente impressionado. (FUNAKOSHI, 2010).

No ano de 1922, o Ministério da Educação do Japão organizou um evento cultural nacional de caráter amplo e nacional, e dentre as apresentações estavam as Artes Marciais japonesas, entre elas o Karate-Do. Gichin Funakoshi foi naturalmente convidado para organizar a demonstração na capital japonesa. Novamente a apresentação foi um sucesso, e auxiliou de forma imensurável o reconhecimento do Karate-Do como parte integrante da cultura japonesa. Podemos observar na Figura 4 o registro da apresentação organizada para demonstrar como era praticado o Karate,

que até pouco tempo era tinha sua prática proibida, como a de todos os outros sistemas de luta e autodefesa.

Figura 4 - Apresentação de Karate-Do, 1922.



Fonte: AMK (2019).

Nesse mesmo ano de 1922, enfrentando sérias restrições financeiras, bem como dificuldades relativas a sua permanência em Tóquio, Funakoshi consegue publicar, com a ajuda de patrocinadores, o primeiro livro sobre o Karate-Do moderno, consolidando este período de ascensão da arte que vinha desde a década de 1890. O livro tinha como título *Ryukyu Kempo-Karate (Técnicas de Punho da Mão Chinesa Ryukyu)*, contendo ilustrações sobre os Kata, e começando o livro com testemunho de pessoas proeminentes falando sobre as virtudes dessa Arte Marcial vinda de Okinawa. Essa publicação transcendeu a figura de Funakoshi e do próprio Karate-Do, havendo sido considerada um triunfo para a própria ilha de Okinawa, que historicamente sofria com o preconceito cultivado pelo Japão Continental a seu respeito: um lugar de provinciano e grosseiro. (STEVENS, 2007).

A seguir o Karate-Do foi introduzido em algumas universidades e, depois, nas escolas de todo o Japão. De acordo com Stevens (2007), a primeira universidade a fundar um clube para a prática regular de Karate foi a universidade de Keio, em 1924. Logo após essa implantação, as universidades de Takushoku, Waseda e Hosei também implantaram em suas estruturas e programas o Karate, com Gichin Funakoshi como coordenador. Nesse mesmo período, algumas academias militares

também implantaram o Karate em suas rotinas, e outras universidades do Japão organizaram clubes para a prática, mesmo sem inserção acadêmica em sentido estrito como as demais.

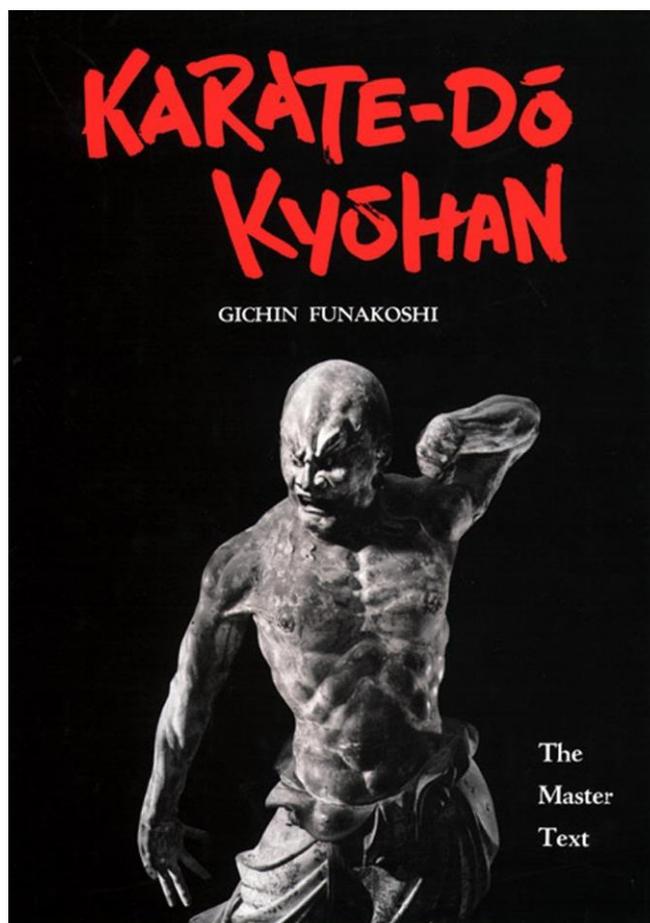
Em 1935, houve a publicação de um novo livro, chamado “Karate-Do Kyohan (O caminho do Karate: texto mestre)”, este já com sólidos desenvolvimentos teóricos. O Karate naquele momento passava a ter um estatuto cultural, deixando de ser um sistema de luta entre outros e tornando-se uma prática a que se associava uma noção de “caminho” - “DO”, trazendo assim todas as dimensões que vão além da dimensão física na prática da arte, notadamente a dimensão filosófica. De modo significativo, e que não deixa dúvidas sobre suas intenções, Funakoshi, trabalhando sobre a maleabilidade característica dos ideogramas da língua japonesa, alterou o significado de “Kara”. Agora não mais “chinês”, ou “chinesas”, como em “Mãos Chinesas”, mas “Vazio”, dando um sentido polissêmico ao vocábulo: “vazio” em um sentido mais imediato, de “Mãos Vazias”, quer dizer, desarmada; e “vazio” em um sentido mais profundo (novamente: os aspectos “omote” e “ura”), em diálogo com o conceito budista de “vacuidade”, presente em uma escritura muito apreciada por Funakoshi, o clássico “Sutra do Coração”: “Forma não é mais que vazio; vazio não é mais que forma.”<sup>23</sup> As várias ressonâncias do conceito de “vazio” vinham sendo estudadas há muitos anos pelos professores de Okinawa.

A universidade de Keio já vinha utilizando essa nova forma do vocábulo desde 1929, e em 1935 ela tornou-se então formalizada pela publicação da obra mencionada. Entendia-se que essa troca de sentido não era uma mera expressão de nacionalismo (extirpar o termo “chinês”), mas uma expressão mais adequada aos novos rumos que se pretendia para o Karate-Do. “Vazio” significava ainda o ideal de um vazio de egoísmo e maus pensamentos, por exemplo. (STEVENS, 2007).

---

<sup>23</sup> Ver Tanahashi, Kazuaki. O Sutra do Coração - Um guia abrangente para o clássico do Budismo Mahayana. Rio de Janeiro: Lúcida Letra, 2018.

Figura 5 - Karate-Do Kyohan, livro publicado por Gichin Funakoshi em 1935.



Fonte: [www.premierdan.com](http://www.premierdan.com). Acessado em: 15/03/2019.

Segundo Barreira; Massini (2006), em 1949 foi fundada por Gichin Funakoshi e colaboradores a Nihon Karate Kyokai, mais conhecida como Japan Karate Association (JKA), que foi afiliada ao Ministério da Educação Japonês. Essa iniciativa seria a chave do desenvolvimento mundial do Karate-Do nos anos posteriores. Em abril de 1957, a JKA foi reconhecida oficialmente pelo Ministério de Educação do Japão (atualmente Ministério da Educação, Ciência, Esportes e Cultura) como a instituição responsável pela promoção do Karate-Do no Japão. A partir desse momento, rapidamente diversas filiais da JKA foram implantadas em inúmeras cidades japonesas, envolvendo um número ainda maior de escolas e de universidades. Mais de quarenta instituições universitárias aderiram a essa ideia nesse momento histórico (OLIVEIRA, TELLES, BARREIRA, 2019).

Temos a seguir um relato do próprio Funakoshi sobre a presença do Karate-Do nas universidades japonesas:

Depois do interesse demonstrado pelas universidades de Keio e de Takushoku, o número de meus alunos de várias escolas de Tóquio parecia aumentar rapidamente. Entre outros, lembro-me de jovens provenientes de Waseda, Hosei, Faculdade de Medicina do Japão, Primeira Escola Superior, Universidade Imperial de Tóquio, Universidade do Comércio de Tóquio e Universidade da Agricultura de Tóquio. Ao mesmo tempo, formavam-se grupos de estudo de karatê em vários institutos de ensino superior. Um começou a encontrar-se na Faculdade de Educação Física de Nikaido, e eu fui convidado a dar aulas de karatê nas academias tanto militar como naval. Posso acrescentar que me sentia extremamente gratificado em receber visitas de pais de meninos que haviam estudado comigo. Eles vinham agradecer-me pelo ensino de karatê, através do qual seus filhos tinham se tornado fortes e saudáveis. (FUNAKOSHI, 2010, p. 61).

Pouco antes de sua morte, em 1957, Gichin Funakoshi no entanto abandona a Japan Karate Association, e, juntamente com alguns discípulos de confiança, funda a Japan Karate Shotokai (JKS). Isso gerou um profundo sentimento de desorientação no meio do Karate-Do. Funakoshi alegava nesse momento que seus objetivos estavam tomando um rumo diferente daquele que havia idealizado e pelo qual havia trabalhado (BARTOLO, 2009). Sua insatisfação e desgosto se davam em razão de que a expansão mundial do Karate-Do era acompanhada de uma série de ações de caráter comercial e muitas vezes sensacionalista, promovendo-se o aspecto esportivo da arte em competições de diversos níveis. Para Funakoshi e muitos dos “antigos”, uma perspectiva redutora. A nova organização, a JKS, recusava-se a aceitar o Karate-Do como uma mercadoria, e é interessante notar que, para que esse fim fosse atendido, proibiu-se a realização de competições. Dessa forma, destacou-se mais uma vez o grande objetivo do Karate-Do Shotokan, o de desenvolvimento do caráter através da prática regular e disciplinada.

Após a morte de Gichin Funakoshi, porém, a grande maioria de seus discípulos aderiu às competições e a formas comerciais de divulgação do Karate-Do como modo de adequação ao mundo capitalista que estava em pleno desenvolvimento após Segunda Guerra Mundial. Percebe-se que é como se o caso reeditasse, em pequena escala, o próprio drama da Revolução Meiji, época do nascimento de Funakoshi e de resistência de um Japão tradicional às mudanças de cunho ocidentalizante e modernizante que se impunham naquele momento.

Em 1958, Masatoshi Nakayama, o mais célebre discípulo de Gichin Funakoshi, foi nomeado instrutor-chefe da JKA. Diversas celebridades japonesas começaram a

interagir com o Karate-Do, que continuava sua trajetória de ascensão. Em 1961, o então príncipe-herdeiro do Japão, Akihito, prestigiou pessoalmente o campeonato japonês de Karate-Do, aumentando ainda mais a visibilidade e disseminação cultural dessa Arte Marcial como uma modalidade tradicional japonesa (OLIVEIRA, TELLES, BARREIRA, 2019).

A valorização de competições esportivas de Artes Marciais em geral e do Karate-Do em particular tornou-se muito frequente no mundo todo após a Segunda Guerra Mundial, e inclusive no próprio Japão. Se isso ocorria em desobediência aos ideais formulados por Funakoshi e outros, por outro lado constituía uma ferramenta, entre outras, de valorização cultural, nacional e social, e ainda de superação das adversidades provocadas pela guerra. Uma espécie de “luto” das bombas de Hiroshima e Nagasaki.

Apesar desses desdobramentos, de certa forma negativos, ao menos sob a perspectiva de Gichin Funakoshi, que levaram a uma hegemonia da ênfase esportiva do Karate-Do, muitos mestres permaneceram voltados à ideia do Karate como “Do” não apenas no nome. Cabe-nos perguntar: mas que conteúdos, afinal, essa ideia de “caminho” abriga? Por que seria tão decisiva?

### 3 O KARATE COMO “DO”: A NOÇÃO FILOSÓFICA DE “CAMINHO” E SUAS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS

Os desdobramentos históricos a que nos referimos fizeram com que o Karate-Do seja habitualmente visto como uma modalidade esportiva de combate, seja exclusivamente, seja principalmente. De Daruma, ou Bodhidharma, nos primórdios, até Gichin Funakoshi, Jigoro Kano, Morihei Ueshiba e outros, observa-se uma espécie de movimento pendular nas Artes Marciais. Ora a ênfase, está na dimensão física, ora na dimensão filosófica, com diferentes proporções. O mundo do pós-Segunda Guerra, além de enfatizar a dimensão física da arte, agregou-lhe o aspecto esportivo, de competição, fortalecendo aquela ênfase. Oliveira, Telles, Barreira (2019), no entanto lembram que a ideia de que há uma concepção de formação humana para além da dimensão de educação física presente no discurso dos mestres dessa arte, que realizam, transcende o simples fato de se considerar o Karate-Do como uma arma, tem de ser considerada, e já está presente antes de Funakoshi. Os autores relatam que desde Okinawa o Karate-Do sempre esteve entranhado dos valores confucianos. Que valores seriam esses?

A cinebiografia de Ip Man (1893-1972)<sup>24</sup>, mestre chinês de Artes Marciais que esteve envolvido na resistência à invasão japonesa da China em 1937, um dos mais bem realizados e pesquisados filmes do universo do cinema de Artes Marciais, enfatiza bem este aspecto: “As Artes Marciais chinesas possuem fundamento confuciano.” Os valores do pensamento de Confúcio associados às Artes Marciais estariam relacionados aos conceitos de “Junzi”, “De”, “Xiao”, “Ren” e “Zhong”.

“Xiao”, normalmente traduzido como “piedade filial”, na tradição chinesa do culto aos ancestrais (base também do Xintoísmo japonês), teria também o significado de “saber o seu lugar”. Saber o seu lugar, saber posicionar-se (na família, nas relações, no mundo, na vida, diante da natureza, diante das mudanças históricas, *na luta, em combate*), constituiria a base da ação no mundo. O homem superior, virtuoso (“Junzi”, o cavalheiro confuciano), cultiva (“De”) a um vida virtuosa (“Ren”, benevolência), ideia que estaria ligada a uma comunidade uma sociedade justa, igualmente virtuosa, equilibrada, estável. Uma comunidade, uma sociedade em que

---

<sup>24</sup> “Ip Man”. Wilson Yip, 2008 (Hong Kong, China). No Brasil, “O grande mestre”.

se tivesse consideração pelos outros (“Zhong”), os outros entendidos como um “reflex de si”. O valor da humildade também estaria associado a “Zhong”<sup>25</sup>.

Note-se que são valores muito associados à cosmovisão de Gichin Funakoshi. A perspectiva confuciana que os autores mencionados identificam nos mestres de Okinawa anteriores a Funakoshi vem no sentido de que estes desejavam dar a sua contribuição para um ambiente sociocultural bem desenvolvido e harmonioso, ético e moral, valores embasados na forte tradição disciplinar de seu povo (Oliveira, Telles, Barreira, 2019).

Podemos observar essa preocupação na passagem a seguir (chamamos a atenção para o uso do termo “via”, no sentido de “senda”, uma das traduções de “Do”):

Concebido como uma via conduzindo a um estado de espírito que libera as faculdades humanas nos diversos domínios das artes. Esse estado espiritual pode ser atingido pelo aprofundamento de uma disciplina. Ele comporta aspecto ético (TOKITSU, 2002, p. 31 apud BARREIRA, 2006, p. 108).

Tem-se portanto bem estabelecido que o Karate-Do constitui, ou pode constituir, uma ação educativa quem tem como objetivo oferecer aos seus praticantes meios-hábéis para o autocultivo, para o autoconhecimento, para o conhecimento de seus semelhantes e para a ação ética no mundo. Os praticantes devem entender que não se aprende para lutar, e sim que devem esforçar-se para aprender *através* da luta (PINTO; RAMOS; OLIVEIRA, 2010).

Esse conceito de aprender através da luta aponta para uma forma extremamente rica de se abordar o Karate-Do. Além de ser uma perfeita expressão do que está posto no pensamento de mestres a que temos acesso pelos dos registros bibliográficos sobre o Karate-Do, entre os quais destacamos Masatoshi Nakayama (1977), o conceito parece conseguir, em poucas palavras, resumir o sentido da prática do Karate como “Do”, e também relativizar, ou problematizar, a crença de que as Artes Marciais são treinadas para a superação de um oponente, na perspectiva única da defesa pessoal ou da guerra.

---

<sup>25</sup> A esse respeito, ver Buckingham, Will et al. “O livro da Filosofia” (São Paulo: Globo, 2011), e Cheng, Anne. “História do pensamento chinês”. Petrópolis: Vozes, 2008.

Decidir quem é o vencedor e quem é o vencido não é o seu objetivo principal. O karate-Do é uma Arte Marcial para o desenvolvimento do caráter através do treinamento, para que o karateka possa superar quaisquer obstáculos, palpáveis ou não. (NAKAYAMA, 1977, p. 11).

Trazendo o tema para a nossa realidade brasileira, e também mais contemporânea, o professor Yasuyuki Sasaki<sup>26</sup> (1993), através de seus longos anos de estudo e reflexão sobre a prática, afirmava que crianças e adolescentes que conseguissem entender e assimilar os princípios do Karate-Do compreenderiam que o principal objetivo da arte não é o de vencer oponentes, quebrar recordes ou simplesmente obter bons resultados, e, sim, o crescimento e o desenvolvimento pessoal. Nossa experiência mostra que para uma criança ou adolescente (e para muitos adultos também) certamente é difícil deixar de lado esse aspecto competitivo de vitória sobre um oponente, mas durante a vida, com a maturidade e com a possível percepção da aplicabilidade das habilidades adquiridas durante o tempo, tais praticantes poderão perceber que a verdadeira vitória pode se dar sobre si mesmo, por meio da superação de obstáculos, dos limites que nós mesmos nos impomos ou a que somos expostos, da superação do medo, ou medos (crucial na educação de crianças, em nossa percepção e experiência), incertezas, ansiedade e várias outras emoções, sentimentos e dificuldades com que temos de lidar. A verdadeira vitória pode acontecer até mesmo na realização de sonhos, os quais, principalmente nas fases da infância e adolescência, são tão incertos e muitas vezes percebidos como longínquos demais para se tornar realidade (SASAKI, 1993).

O próprio Gichin Funakoshi (2010) relata que alguns jovens erroneamente acreditam que o Karate-Do deve ser aprendido somente através de instrutores no dojô, mas esses instrutores podem não ser karatekas verdadeiros, ou mestres genuínos. A diferença é fundamental. O que ele quis dizer foi que o Karate-Do não é somente a aquisição de habilidades de ataque ou defesa, mas também o desenvolvimento da arte de se ser um cidadão. Parafraseado-se ainda um antigo ditado budista - “O pico da montanha é onde estiverem os meus pés” -, teríamos “O

---

<sup>26</sup> Sensei Yasuyuki Sasaki nasceu em 8 de março de 1946 na cidade de Hokkaido (Japão), chegando no Brasil em 1959. Praticou o Karate-Do por mais de cinquenta anos, tendo sido presidente executivo da JKA Brasil e diretor técnico da Federação Paulista de Karate-Do Tradicional - FPKT. Segundo ele, o Karate-Do é um grande instrumento para a formação integral do homem. Em 2017 recebeu a graduação de oitavo dan pela Japan Karate Association. Sensei Sasaki foi uma das maiores referências do Karatê brasileiro e mundial. Professor de Educação Física formado pela USP, por mais de quarenta anos ministrou aulas no CEPEUSP. Faleceu em agosto de 2017.

dojô é onde estiverem os meus pés”, ou seja, o verdadeiro espírito do Karate-Do não se limitaria a um espaço físico de treinamento. De fato, ascenderia ao *deixarmos* o dojô e voltarmos para o mundo, *após* o treino. Novamente: posicionar-se, cultivar-se, buscar uma vida virtuosa, uma sociedade justa. O Budo moderno como um humanismo.

Assim, em um paralelo com o pensamento pedagógico contemporâneo, o ser humano vai constituindo sua humanidade e conquistando o mundo, partindo do seu mundo-vida, respeitando sua cultura e seus “*saberes de experiência feitos*” (FREIRE, 1996 *apud* LAGE, GONÇALVES JÚNIOR, NAGAMINE, 2007). Para Fiori (1986), torna-se possível deste modo para o “eu” expressar, incorporar e transformar o mundo num movimento em que o mesmo é transcendido e reconstituído – transcender que não nega o mundo e sim o assume e transforma. O dojô (o interior da prática) e o mundo.

Segundo Sasaki (1993), a prática pedagogicamente adequada do Karate como uma Arte Marcial, um “Do”, ensinaria-nos a conviver com a realidade de conflitos entre os seres humanos. A partir de teóricos como Sasaki, é possível observar de forma mais “palpável” os entrelaçamentos filosófico-práticos presentes no Karate-Do. Em seus cursos e aulas como presidente da JKA-Brasil, destacava a importância de se conseguir conectar o Karate-Do com a vida, pois do contrário essa prática seria apenas um conjunto de movimentos de ordem física, sendo “mais fácil praticar uma corrida”, que não exigiria tanto de nosso intelecto<sup>27</sup>.

De acordo com o autor, a própria evolução das Artes Marciais dependeria fundamentalmente da forma como o Karate-Do é ensinado/aprendido/praticado, e ainda, disseminado pelos instrutores espalhados pelo mundo inteiro. Podemos verificar tal preocupação nesta referência:

Treinar com base filosófica e treinar somente para vencer outra pessoa, após anos de dedicação, produz consequências bem diferentes. A primeira forma proporcionará progresso espiritual e, a segunda, desajuste social, problemas psicológicos e frustrações. Competir com outra pessoa e superá-la, aferindo habilidades, não será a meta final das competições. A prática regular, ao longo da vida, gera a compreensão dos fenômenos da vida social, do meio ambiente. Ensina a refletir e descobrir, para mudanças constantes da própria

---

<sup>27</sup> Relato próprio das diversas ocasiões em que participei de cursos de atualização técnica com o mestre Sasaki, que sempre fez questão de frisar que o objetivo da JKA-Brasil era formar pessoas com “bom caráter” (o mesmo uso da palavra feito por Funakoshi), e não simplesmente atletas.

vida. A prática regular das Artes Marciais ajuda a compreender e dominar a verdadeira finalidade da vida em sociedade. (SASAKI, 1993, p. 2).

Sasaki sempre teve a preocupação de compreender a relação, ou as relações possíveis, entre o Karate-Do e a sociedade. Ponderou que, ao nos posicionarmos no mundo, ocorrem naturalmente reflexos indesejados e negativos sobre os outros, prejudicando principalmente aqueles/as com quem convivemos. Deveríamos então ajustar continuamente nossa posição (“saber o seu lugar”?). Com relação à prática nos treinos, o autor lembra que os professores sempre encontrarão maneiras de educar, orientar, prevenir, corrigir muitas falhas com relação à agressividade e outras características negativas, visando à manutenção da saúde e do bem-estar físico e mental dos alunos (SASAKI, 1993). O próprio Funakoshi afirma:

Essa atitude não diz respeito a aprimorar só as habilidades técnicas. Todos temos nossos pontos positivos e nossas deficiências, se somos sinceros no nosso desejo de nos aperfeiçoar, todas as pessoas que encontrarmos podem ser um modelo ou um critério que nos ajuda a refletir sobre nós mesmos. Um antigo provérbio reza, *sannin okonaeka kanarazuwaga shi ari*. (Este ditado se baseia no *Analectos* de Confúcio: ‘Quando caminho com outros dois, eles podem me servir de professores. Seleccionarei e seguirei suas qualidades boas, e evitarei suas deficiências.’). (FUNAKOSHI, 2013, p. 51).

Para Funakoshi, a perfeição do Karate-Do seria perceptível através de seus alunos: quando os mesmos alcançassem, pela prática e pelo estudo, pelo fazer e pelo pensar o fazer, um estado de integralidade e interconectividade em que seus corações (e mentes) não fossem mais afetados por nenhum pensamento dualista do “eu” ou do “outro” - esse outro podendo tanto ser um adversário, ou a sua própria consciência do corpo como uma arma, ou ainda as maneiras de usar isso sobre a vida e a morte (OLIVEIRA, TELLES, BARREIRA, p. 332, 2019). Aqui sublinhamos novamente as ressonância budistas do pensamento de Funakoshi (o “não-dois”) e lembramos que o conceito confuciano de Zhong, anteriormente mencionado, tem também o conteúdo de o outro ser entendido como um “reflexo de si”. Seria o mais aproximado, no pensamento chinês, da “regra de ouro” do “não faça aos outros o que não deseja que façam a você”, presentes em muitas tradições de pensamento.

Faz sentido que essas preocupações estejam presentes no Karatê, já que ele é uma expressão do Budô moderno. Desde um ponto de vista histórico e em termos

de sua diversificação, as Artes Marciais japonesas, em proposição de Bartolo (2018), podem ser divididas em três períodos históricos, denominados *Bujutsu*, *Bugei* e *Budô*:

**Bujutsu:** este período compreende o início da civilização japonesa até o final do século VIII e engloba as técnicas primitivas de lutas, culminando com o surgimento da civilização de Naha, como a primeira capital do Império. Foi no século VII que os japoneses adotaram a cultura chinesa como seu guia, fazendo com que surgissem as classes militares que trouxeram as técnicas de ataque e defesa entre os guerreiros.

**Bugei:** já este período vai do final do século VIII até a Era Iedo, de 1615 à 1868, onde ocorreu o domínio dos Tokugawa em 1603, que culminou com a transferência da capital para Edo, a atual Tokio. Com o surgimento das classes militares no século VII, as Artes Marciais foram classificadas, aparecendo várias escolas, denominadas de “RYU”, com os primeiros mestres de renome. Fatos importantes desta época são: o estabelecimento do Xogunato de 794 a 1615, a transferência da capital para Quioto e a tomada do poder pela família Minamoto em 1185.

**Budô:** este período inicia-se com o estabelecimento de Ieyasu Tokugawa e seu governo em Edo. Tokugawa era um grande estadista e tinha muito poder, trazendo um período de paz e tranquilidade, graças à obediência, que exigia dos seus chefes. A partir disso, a maior razão das Artes Marciais japonesas passou a ser o desenvolvimento dos próprios praticantes [grifo nosso].

Bartolo salienta ainda que no final do século XIX, no Japão, a situação das Artes Marciais permanecia um tanto confusa em termos de uma sua assimilação segura como parte da cultura, uma vez que existiam várias escolas de nomes diferentes propondo e fazendo mais ou menos a mesma coisa. Naquele momento, “Jiu-Jutsu” era a denominação genérica para englobar sistemas de luta que prescindiam do uso de armas, ou seja, cujas técnicas eram realizadas com as mãos vazias. A única exceção nesse quadro era justamente o Karate de Okinawa. As conexões com as filosofias e sistemas de crenças orientais, construídas com mais ênfase pelos formuladores do Budô moderno, de um lado auxiliaram no sentido de um reconhecimento maior e crescente em termos culturais, e de outro, abriram perspectivas para que fossem pensadas suas potencialidades educacionais.

Não se pode jamais esquecer de que o Karate, o Judo, o Kendo e o Aikido foram baseados nos ensinamentos das tradicionais religiões do oriente, mais especificamente do Zen-Budismo, do Taoísmo, do Confucionismo e do Xintoísmo, que estão umbilicalmente relacionados em sua essência e em suas formas de treinamento. (FUNAKOSHI, 2014, p. 9).

O autor refere-se à importância da prática correta e bem orientada dos fundamentos básicos (Kihon) da arte, pois essas formas, essas técnicas, estariam inteiramente ligadas ao desenvolvimento da energia (Ki) dos praticantes (bem como à compreensão da natureza dessa energia), e como isso envolveria todos os segmentos corporais durante a prática contínua e duradoura. Esse desenvolvimento de energia proporcionaria maior saúde e também uma percepção corporal mais aguçada, conduzindo e propiciando outros tipos de desenvolvimento, tal como o mental (FUNAKOSHI, 2014). Quero dizer: a dimensão física do Karate também possui componentes do “Do”, da dimensão “maior”. Existe uma circularidade entre os termos “Karate” e “Do”, na verdade.

As questões filosóficas do Karate-Do, no entanto, seriam baseadas e estariam contidas na noção de “Do”, “Caminho”. A prática e o estudo das artes japonesas – não somente das Artes Marciais, mas da caligrafia, da cerimônia do chá, dos arranjos florais (Ikebana), do arco-e-flecha associado à prática da meditação, por exemplo – abririam para o praticante um caminho de realização discernível em meio às incertezas e impermanências da vida. Esse seria o sentido último do termo “Do”: o aprendizado, ao longo do tempo de uma vida humana marcada pela incerteza e pela impermanência, de uma arte, ou prática, que oferece níveis sucessivos de sofisticação em uma progressão ascendente mas circular (na faixa preta, que possui vários graus, “volta-se” para a faixa branca, mas em um patamar superior), e cujos elementos teriam o condão de unir corpo e mente – e essa união seria o sentido do termo “espiritual”. Se a conexão com as filosofias e sistemas de crença orientais, como o taoísmo e o budismo, for uma conexão forte, o caminho levaria a um nível de “realização” transcendente: o nirvana budista, por exemplo. Em uma perspectiva laica, o sentido de “Do” permanece, ao oferecer o domínio de uma arte cuja longa duração de prática conferiria à vida um propósito (“Ikigai”) que desafiaria a natureza incerta, indeterminada e impermanente e muitas vezes carente de sentido da jornada humana.<sup>28</sup> Nas duas perspectivas, o importante é destacar que se trata de uma pedagogia *do fazer*, uma pedagogia *da prática*.

Assim, o praticante de Karate-Do não poderia perder a noção de que o Caminho Marcial é, antes de tudo, uma prática e um estudo que configuram um estilo

---

<sup>28</sup> Nesse sentido, ver Hyams, Joe. “O Zen e as Artes Marciais”. São Paulo: Pensamento, 1979; Herrigel, Eugen, “O Caminho Zen”. São Paulo: Pensamento: 1987; e o já mencionado “Ki e as Artes Marciais”.

de vida, e não simplesmente uma prática corporal para aquisição de conhecimento técnico para defesa pessoal (BULL apud FUNAKOSHI, 2014). O ensino-aprendizagem do Karate-Do na escola também tem de considerar esse aspecto, ainda que os estudantes não se tornem praticantes. Afinal, se estuda Matemática na escola e eles não se tornam matemáticos. Estuda-se História e Química, e eles não se tornam historiadores e químicos.

Em termos de senso comum, muitas vezes o praticante de Karate-Do transmuta a expressão “estilo de vida” em “filosofia de vida”, usando o termo filosofia em um sentido quase coloquial. É preciso, para trazer à tona o conteúdo propriamente filosófico do Karate, ainda que seja um conteúdo sem o mesmo sentido da palavra filosofia no Ocidente, formalizada e acadêmica, investigar o termo “Do”, “Caminho”. Além da ideia já mencionada de uma prática que constitua um caminho inscrito na esfera mais geral da vida, a ser percorrido idealmente até a velhice, o termo carrega o sentido de vida budista, e constitui um aporte que agrega à noção de caminho a perspectiva de lucidez e iluminação - juntamente com o “Zazen”, que é a forma Zen-Budista de meditação na posição sentada (BARTOLO, 2018, pág. 14). Ressalta-se que “o mesmo estado mental que constitui a base da meditação também é requisito necessário para alcançar a maestria nas Artes Marciais. A mente está completamente aberta, em liberdade, e percebe tudo sem distorcer, nem apreender. (PAYNE, 1997, p. 94).

Nesse sentido, destacamos a importância do “caminho” como uma espécie de norteador filosófico, que se explorado de forma adequada, inclusive pedagogicamente, pode esclarecer a relação entre a prática da Arte Marcial com a vida em geral de seu praticante, bem como as potencialidades daquela prática. Rigorosamente, um aprendizado. Na citação a seguir, pode-se observar essa preocupação com o crescimento e desenvolvimento pessoal através do “caminho” marcial:

O caminho (DO), como um código de honra de toda Arte Marcial, ensina ao praticante a responsabilidade com o aprendizado na vida e o que fazer dele, atentando para a importância do crescimento como homem de bem e espiritualizado. O praticante deve estar com o seu espírito constantemente voltado à superação e deve manter as diretrizes de sua evolução espiritual. (FUNAKOSHI, 2014, p. 9).

Nessa perspectiva, Bull refere que essa noção de “caminho” seria o grande diferencial das Artes Marciais, que podem ser também chamados de Caminhos Marciais, em relação aos esportes e práticas esportivas. Porém, se as Artes Marciais forem percebidas como sendo dotadas somente de seu cunho esportivo como razão de ser, terão a riqueza dessa perspectiva toda desperdiçada, apequenando suas potencialidades educacionais, seja no Brasil ou em qualquer parte do mundo – inclusive em seu berço, o Japão. Ou existirão formas de se trabalhar essa busca muitas vezes obsessiva pela vitória, pelo troféu, pelas medalhas, em algo que se afirme como fonte de desenvolvimento educacional? Uma pedagogia da competição? Certamente essa é uma linha sensível e delicada para se explorar, mas acreditamos que se deve manter o horizonte aberto inclusive para possibilidades como essa, ainda que distantes do espírito tradicional do Budo.

De todo modo, o que se tem na atualidade é a percepção de uma valorização exacerbada (motivada muitas vezes pela expectativa de status social e financeiro) desse aspecto esportivo do Karate. Algum indivíduo que não está inserido no universo da prática marcial, poderia perguntar: “Mas esse aspecto esportivo necessariamente exclui os demais?”

A experiência mostra que, como os calendários anuais de competições são em geral extensos (competições locais, regionais, nacionais e também internacionais), as sessões de treinamento passam a ser absorvidas pela necessidade de preparação para as mesmas. Isso faz com que se enfatizem os aspectos da Arte Marcial mais valorizados nas competições, ou seja, a luta (“kumite”), ficando as demais dimensões, já negligenciadas, completamente esquecidas. A entrada do Karate-Do como modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020, irá exacerbar ainda mais essa tendência. Já existe há muitos anos uma crítica à perda da noção de “caminho” no universo do Judô, por ser uma modalidade olímpica há bem mais tempo.

Não há necessidade, porém, de que tal realidade, tais problemas e tensões, se reproduzam no ambiente escolar. Esse ambiente – um ambiente “alternativo” em relação aos Dojô - estaria livre dessas pressões, precisamente para que o Karate-Do tal como idealizado por Gichin Funakoshi seja praticado, na inteireza de suas potencialidades educacionais.

### 3.1 O KARATE-DO NA PERSPECTIVA DO BUDO

Como se viu, é um tema controverso o da tendência e perspectiva hegemônica da esportivização das Artes Marciais. É preciso observar que o contrário disso, a valorização, ou revalorização dos aspectos relacionados ao “Do”, não diz respeito à manutenção de uma “essência do Karatê”, ou a um desejo de se manter viva a todo custo uma tradição “morta”, cristalizada no passado, “fora de tempo” hoje em dia. Ao contrário: são elementos vivos, aqueles que Funakoshi vinculava a formação do “caráter” do ser humano.

Prova disso é que há muitos mestres e organizações que tentam manter alinhadas as duas perspectivas, a esportiva e a de formação humana, porém desde uma forma contemporânea de pensamento, onde o Budo, antes um complexo de saberes que significava a “arte da guerra”, agora vê essa guerra como estando internalizada, quer dizer, teríamos aí uma metáfora para a resolução de nossos conflitos interiores e para o nosso autocultivo, nosso autodesenvolvimento.<sup>29</sup> Um dos grandes responsáveis pela esportivização do Karate-Do, o já referido Nakayama, continuou com êxito a propagação do Karate-Do através de competições. Porém, Nakayama (1977, apud BARREIRA e MASSIMI, 2008) afirma que as competições deveriam acontecer em condições adequadas e espírito adequado, sendo que, esse espírito adequado pode ser entendido como um estágio avançado de controle técnico e mental, e de compreensão do sentido profundo da Arte Marcial.

Que sentido profundo seria esse? De acordo com Oliveira, Telles, Barreira (2019), as Artes Marciais japonesas são patrimônios culturais do Japão, e podem ser definidas em três elementos classificados como *Shin-Gi-Tai*, o equivalente em língua portuguesa a Espírito-Técnica-Corpo, que apareceram já no século XX após algumas ressignificações sobre o Budo e sobre como este estaria presente naquela cultura. Desde a Restauração Meiji, a partir de 1868, com a introdução de armas de fogo no país, e após as inúmeras guerras que o país travou desde então, as Artes Marciais tomaram uma conotação diferente:

No Japão, as Artes Marciais, depois da introdução das armas de fogo, se transformaram em “caminhos marciais” (Budo). Budo é uma expressão japonesa originária da palavra bu, que significa guerra ou Artes Marciais, e

---

<sup>29</sup> “Ki e as Artes Marciais”, p. 42

deriva dos conceitos chineses taoistas e budistas no sentido de ser um "caminho" para a iluminação. (FUNAKOSHI, 2014, p. 07).

Pode-se ainda fazer referência às alterações ocorridas no próprio Karate, em particular no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, momento em que foi reincorporado o conceito de Budo. Essa alteração ocorreu principalmente em razão de o mestre Gichin Funakoshi haver alterado o sentido do ideograma "Kara", que significava *China*, para o sentido de vazio: "Mãos *Vazias*". Mais tarde, foi agregada a esse sentido a conotação budista de vazio, ou "vacuidade": um estado de mente próprio da meditação, "vazio e atento", que seria também propício para a prática da Arte Marcial. Quer dizer, antes o sentido da palavra Karate era o de "mãos chinesas", e após a proposição de mudança (claramente fruto de um amadurecimento do pensamento de Funakoshi em direção ao Budismo) passou a significar "mãos vazias", com dois significados sobrepostos, um visível e um sutil (*omote e ura*). Com isso, o vazio da palavra Karate fazia referência, também, ao Zen-Budismo, o Budismo japonês, que recomenda o esvaziamento da mente como condição para a iluminação. Gichin Funakoshi ainda introduziu o caractere "DO", que significa "caminho", sendo que essa incorporação, como queremos demonstrar, carrega e introduz um conteúdo propriamente filosófico na prática do Karate. Podemos verificar uma justificativa para tais alterações na seguinte passagem:

Esse caráter mais abrangente do Karate é bem visível e foi originalmente cultivado por Funakoshi, que era um professor regular em escolas e que somente após sua aposentadoria depois dos 50 anos quis usar o Karate como forma de educar os jovens, mantendo seus princípios e sua vocação de educador. Esses princípios, posto que a grande mudança filosófica ocorrida nas Artes Marciais japonesas, localiza-se na transição do século XIX para o XX, possuem suas raízes fincadas bem mais no passado, quando sua arte deixara de ter sentido apenas como recurso de defesa pessoal, como mencionado. (FUNAKOSHI, 2014, p. 08).

O Caminho Marcial, ou Budo, como foi descrito acima, tem como um princípio fundamental o espírito de luta, como descreve Nakayama (1978) " -O espírito é o ponto principal na vitória." -, porém esse espírito de luta deve ser entendido como não

se referindo somente ao sentido trivial de se enfrentar um oponente, mas como a estar presente na própria vida em sentido simbólico amplo.

De acordo com Frosi (2012), é preciso estar-se apercebido para uma diferença fundamental entre o Budo e o esporte, sobretudo em relação a outros esportes de luta, pois quando falamos em Budo não visualizamos competições, medalhas, festividades ou implicações comerciais. Não há por exemplo marcação de pontos, e nem mesmo qualquer referência (ainda que haja uma ética envolvida) ao “*fair play*” de Pierre de Coubertain. O objetivo primeiro (e primordial, historicamente) seria o do desenvolvimento de potencialidades para a sobrevivência através de inúmeros exercícios e treinamentos para o fortalecimento interno e externo dos indivíduos. Agora teríamos uma ressignificação. Barreira e Massimi (2006) explicam como aquele espírito de luta deve ser interpretado na contemporaneidade (conforme Nakayama já pressupunha):

Por espírito de luta entende-se uma gama de condições psicológicas que, de certa forma, define o caráter do praticante de karate. O espírito de luta faz parte do caminho do karate, pois é condição para trilhá-lo. Ao mesmo tempo, o espírito de luta faz parte dos objetivos do karate. Cabe ressaltar que tanto a busca pela vitória, quanto o próprio espírito de luta, além de se constituírem como valores em si em uma luta real, são também – e talvez principalmente – valores de caráter moral que norteiam a atitude cotidiana do karateka. O karateka faz de sua experiência uma espécie de fonte conceitual, isto é, faz da luta uma fonte de referência para a vida e para o modo de encará-la. A experiência da luta assume o lugar de referência concreta diretamente dada pela natureza de onde surgem conceitos para a vida. Esses conceitos são claros em ditar o certo e o errado moral a partir do envolvimento com a natureza, que só pode acontecer com o empenho corporal. (BARREIRA; MASSIMI, 2006, p. 95).

Conforme afirmam Barreira e Massimi (2003), existem diversos fatores que prejudicam a compreensão, por parte dos professores, das ideias de Gichin Funakoshi sobre essas questões de moralidade dos praticantes de Karate-Do. Porém, as exigências com relação ao comportamento ético dos karatekas por parte dos professores responsáveis pelos locais de treinamento ainda mantêm-se bem viva, pois um espírito de cortesia (ressaltado por Funakoshi: o Karatê começa e termina pela cortesia) e de respeito é amplamente exigido no discurso e na prática observados nos dojôs. Por outro lado – e isso é parte da problemática desta pesquisa -, a limitação às ideias de cortesia e de “boas atitudes” podem ser exatamente um exemplo de como os aspectos filosóficos do Karate-Do têm suas potencialidades reduzidas na prática.

Fala-se em “respeito” e “honra”, entre outras qualidades e virtudes, mas, sem a compreensão disso na teoria e na prática das Artes Marciais viram termos vazios de significado.

Para Sasaki (1993), a luta praticada regularmente e de forma adequada como ensina a desenvolver o controle dos impulsos agressivos do ser humano. Conter impulsos agressivos constitui uma regra fundamental do Karate-Do, sendo um dos cinco princípios elaborados por Gichin Funakoshi e que formam o Dojô-Kun, conjunto de princípios éticos a serem seguidos pelos praticantes dentro e fora do Dojô, e recitados nas práticas cerimoniais que acompanham as sessões de treinamento – recitação às vezes limitada às sessões especiais de treinamento, que é a principal ferramenta de alinhamento da forma de postura dentro e fora dos Dojô.

De acordo com Sasaki (1993), o Karate-Do não pode ser desvinculado dos preceitos do Budo – os quais ele próprio descreve na citação a seguir:

O karate tradicional tem por base a filosofia do Budo. O Dr. Imamura, da Universidade de Waseda, identifica no elemento “Bu” o conceito de controle da violência, disciplina de vida, estabelecimento de normas e leis de conduta, conquista da segurança, contribuição pessoal para a pacificação e enriquecimento da sociedade. Segundo o mesmo autor, “Do” significa método, doutrina ou atalho. (SASAKI, 1993, p. 6).

Nas palavras de Sasaki (1993), percebe-se que a preocupação com o “caminho” na prática do Karate-Do faz-se presente nos ensinamentos contemporâneos. Porém, Tokitsu (2012), em direção ao que desejamos demonstrar aqui, explica que contrariamente a uma ideia muito difundida nos círculos das Artes Marciais, o Budo não é uma réplica do que era praticado pelos guerreiros no passado. Budo, na visão do autor, é um conceito moderno, associado ao cultivo de si e ao autodesenvolvimento, lapidados por meio das disciplinas tradicionais de combate.

Como o Budo, porém, manifestar-se-ia na prática? Como podemos identificar se a prática desenvolvida nos Dojô consegue abordar essa dimensão “Do” do Karate? Como, e em que medida, e de que forma os praticantes interpretam e assimilam o conteúdo do “Do” e aquele sentido *ura* (oculto) das técnicas, sempre citados nas aulas. Quantos dos praticantes chegam a meramente compreender a questão? E quantos conseguem inserir tais princípios em suas vidas de forma genuína, construtiva? Esses questionamentos apresentam-se de forma inquietante para quem

busca refletir sobre sua prática nas Artes Marciais, pois essa busca pela prática embasada nos valores do Budo seria o real sentido de desenvolvimento dos adeptos mais experientes, sendo, no entanto, pouco trabalhada nas dimensões teóricas e psicossociais durante o período de vivência em um dojô. Tokitsu (2012) apresenta-nos um modo de mensurar essa questão:

Budo não constitui um gênero particular entre as disciplinas de combate, mas sim a maneira pela qual alguém se engaja numa disciplina da arte de combate. Portanto, é apropriado pensar no Budo em dois sentidos: como um tipo de disciplina e como uma relação subjetiva. Por exemplo, logo que uma pessoa começa a praticar kendo, aikido ou Karate, entrando em uma associação ou Dojô, está praticando uma das disciplinas do Budo. Mas o conteúdo de sua prática permanecerá meramente aquele de um esporte de combate de origem oriental enquanto ela não descobrir, em seu modo de aplicá-la, um sentido subjetivo de treinar-se e cultivar a si mesma, ou enquanto não houver a fusão entre o processo de melhoria de sua técnica com o processo de melhoria de sua técnica com o processo de melhoria de seu ser como um todo. (TOKITSU, 2012, p. 42).

Assim ressignificado, tem-se o termo “Bu” em conexão evidenciada, estreita, com o termo “Do”. Havendo sido concebido no chamado período Edo do Japão (1603-1868), com o sentido literal de “Caminho do Guerreiro”, passa após a Restauração Meiji, já mencionada a progressivamente ter o seu conteúdo adequado e aplicado para a vida de um modo geral, ao mesmo tempo guardando valores ancestrais em uma sociedade que estava em constante transformação, sob forte influência de modelos ocidentais (TOKITSU, 2012, pág. 25).

De acordo com Tokitsu (2012), o Karate-Do possui um grande potencial na perspectiva do Budo:

Eu diria que uma disciplina como o Karate possui potencial para ir além do kendo atual no campo do budo, porque o modelo prático do Karate é mais adaptado à modernidade, enquanto ninguém pode deixar de ver a disparidade entre o Kendo e modernidade. Todavia, a consciência do Budo pelos praticantes de Karate está muito atrás daquela do praticante de Kendo<sup>30</sup> (TOKITSU, 2012, p. 33).

---

<sup>30</sup> Kendo: é uma arte marcial japonesa moderna, que significa "*caminho da espada*", desenvolvida a partir das técnicas tradicionais de combate com espadas dos samurais do Japão feudal (NATALI, 1981).

O que podemos ponderar é que o autor refere-se ao processo de modernização a que o Karate-Do foi submetido principalmente por influência de Gichin Funakoshi, porém, na visão de Kenji Tokitsu os praticantes do Karate-Do ainda não conseguiram entender corretamente essa perspectiva do Budo. Como já referido, poder-se-ia pensar em um meio termo, em uma linha de equilíbrio que não negasse a dimensão esportiva do Karatê como sendo o contrário, o antípoda do Budo. Tratada, com a moderação adequadanormal, sem a cobrança exarcebada de rendimento, pode perfeitamente bem estar alinhada à própria ideia de autodesenvolvimento do ser humano. A prática esportiva bem orientada, inclusive envolvendo competições, pode auxiliar no processo de autonomia dentro do Karate-Do, pois no momento em que os atletas encontram-se sozinhos dentro de uma área de competição, necessitam realizar o maior esforço possível para focar as energias no sentido de desenvolver todas as técnicas trabalhadas até ali com maestria, superando todas as adversidades impostas pelo momento, inclusive seu oponente, que deve ser encarado como parte desse processo, e não como um inimigo que deve ser tratado com extrema violência – o que de fato é fortemente punido no mundo das competições.

Tais questões, e ainda outras que são percebidas como algo que desvirtua o que seria o real sentido das Artes Marciais, são um tema recorrente de discussão no próprio Japão, como relatam os mestres que com regularidade vêm ao Brasil. A difusão das artes do Budo em escala global, como possibilidade de cultivo do ser humano como um todo, é vista com bons olhos como uma contribuição nacional japonesa, mas se reconhece que se trata de algo difícil de ser realmente trabalhado. O Karate-Do seria uma grande ferramenta de desenvolvimento dessa possibilidade, pois já está inserido em todos os cantos do mundo. Ainda não foi, contudo, explorado em todas as suas possibilidades educacionais<sup>31</sup>. A tarefa à frente seria a de retomar a riqueza do Karate como “Do” e como Budo, e o ambiente escolar é propício para isso.

---

<sup>31</sup> Com relação ao Budo no Ocidente, para Tokitsu (2012) não se trata, é claro, de se adotar um certo modo japonês de viver. Isso não é necessário, porém alguns ocidentais, mestres ou estudantes, parecem desejar viver de um modo japonês, ou “oriental”. O autor salienta que essa ambiguidade não ajuda em nada o desenvolvimento do Budo, uma vez que seu principal intuito seria o desenvolvimento humano, e nesse contexto existe um processo importante de formação de identidade. Quer dizer, para um praticante do Japão precisa estar atento para a compreensão de sua cultura e identidade, e não copiar modelos culturais – o que muitas vezes está ligado à necessidade de “vender” a Arte Marcial “original”.

Trabalhos com o Karate-Do com finalidades educacionais estão sendo realizados em muitos lugares no Brasil, conforme conversas com professores de outros estados brasileiros, e também acompanhamentos por mídias sociais. Porém, nesses mesmos acompanhamentos não é possível perceber o desenvolvimento de registros ou acompanhamentos mais formais pelos órgãos responsáveis pelo sistema educacional. O que se pode verificar são as divulgações dos professores conforme suas elaborações individuais relacionadas aos seus trabalhos, ou seja, ainda enfrentam-se as mesmas problemáticas levantadas nessa pesquisa na região Norte/Noroeste do Rio Grande do Sul.

## **4 FERRAMENTAS FILOSÓFICO-PEDAGÓGICAS NORTEADORAS PARA O “CAMINHO”**

Consciente da necessidade de estabelecer diretrizes que a um só tempo salvaguardassem e expressassem sua concepção do Karate-Do e de seu ensino, e constituíssem uma orientação para um futuro naturalmente mutável, Funakoshi elaborou o Dojô-kun (Princípios do Dojô) e o Niju-Kun (Vinte Princípios da Prática). Essas diretrizes representam uma forma de testamento, e defende-se neste trabalho a ideia de que elas contêm em seu interior tanto a concepção de “Caminho” de Funakoshi como seu pensamento filosófico-pedagógico.

A compreensão do contexto inicial da formulação desses princípios, ou ferramentas, exige que se retomem aspectos biográficos de Gichin Funakoshi, agora em termos de sua relação com o Karate-Do. Funakoshi iniciou seu treinamento por influência de um colega de escola primária, cujo pai, Yasutsune Azato, era um célebre mestre em Okinawa. Como já referimos, sua iniciação na prática foi motivada por uma condição de fragilidade e vulnerabilidade física, e sua vida desde então nunca mais se desvinculou do Karate.

Ainda que a prática da Arte Marcial fosse, como vimos, proibida, o treinamento era extremamente árduo. Azato era um militar de reconhecida formação cultural e intelectual – um dos conselheiros do governador de Okinawa, e seu amigo pessoal. O encontro de Funakoshi com Azato foi um dos fatos que mudaram a história do Karate-Do e das Artes Marciais. Ambos compreendiam o espírito de desenvolvimento integral que a arte possuía, e a necessidade de cultivá-lo na prática. Um efeito disso, em um futuro próximo em relação àquele encontro, foi a inclusão do Karate-Do nas escolas primárias de Okinawa.

Yasutsune Azato procurava, sempre que podia, conversar com Gichin Funakoshi sobre diversos assuntos pertinentes ao tempo histórico que viviam. Funakoshi relata em sua autobiografia que essas conversas, que versavam tanto sobre a política japonesa e mundial, como sobre cultura de um modo geral, sobre educação, e sobre os princípios éticos e morais relacionados à tradição samurai, muito presente nas famílias mais tradicionais e guerreiras de Okinawa, foram fundamentais para que conseguisse perceber a importância dessa formação cultural mais ampla para o praticante de Karate.

Pode-se observar um pouco mais dessa relação virtuosa entre professor e aluno nesta descrição de Stevens (2007):

Depois dos treinos, era comum Azato dar orientações a Funakoshi sobre as dimensões psicológicas do Karate. Ele afirmava que a conduta adequada e as maneiras dignas eram tão importantes quanto a técnica. Funakoshi ficou admirado com o conhecimento preciso e detalhado de Azato sobre outros mestres de Artes Marciais de Okinawa - seus nomes, onde viviam, seus pontos fortes e suas fraquezas. “O segredo da vitória”, dizia a Funakoshi, “é conhecer a si mesmo e a seu oponente, por meio de uma preparação cuidadosa e da observação atenta. Desse modo, você nunca será pego de surpresa”. Azato também aplicava essa abordagem aos acontecimentos mundiais, predizendo uma guerra entre Rússia e Japão muito antes que de fato ocorresse. (STEVENS, 2007, p. 61).

Até como forma de preservar aqueles ensinamentos, e outros que provinham de outras fontes, e ainda o que ele mesmo assimilara, Funakoshi sentiu a necessidade de sistematizá-los e formalizá-los, chegando a princípios norteadores para o desenvolvimento do Karate-Do e de seus praticantes dentro e fora do dojô – o mundo sendo compreendido como um “dojô ampliado”.

#### 4.1 O “DOJÔ-KUN”

Gichin Funakoshi é conhecido não apenas como o “pai do Karate moderno”, como já afirmado, mas como o fundador do sistema, ou estilo, de Karate mais difundido no mundo, o *Shotokan*. De acordo com Cunha apud Bartolo (2018), Gichin Funakoshi era um exemplo contemporâneo de samurai, de honra e ética. Para ele, Yatsusumi Azato representava toda uma linhagem, uma cadeia de mestres, como geralmente ocorre e é reconhecido na tradição oriental, que carregavam os valores impregnados nas Artes Marciais e que derivavam, no Japão, do Bushidô (o código de ética samurai)<sup>32</sup>. Funakoshi utilizou-se desse embasamento para formular os cinco princípios que ainda hoje, no cotidiano mesmo de cada dojô pelo mundo, regem a prática – conhecidos, em seu conjunto, como o “Dojô-kun”.

---

<sup>32</sup> “Bushidô: Caminho do Guerreiro. O código de honra observado pelos guerreiros samurai que constituíram uma casta de 1192 a 1867. Acredita-se que tenha sido criado por Myiamoto Musashi, o mais dos espadachins japoneses. Entre outras coisas, tratava da fidelidade para com o Senhor de quem recebiam ordens, do autodomínio e do desapego à vida.” Velte, Herbert. “Dicionário ilustrado de Budô – Artes Marciais do Oriente”. São Paulo: Ediouro, 1976.

O Dojô-kun caracteriza-se como constituindo um conjunto de lemas inspirados em parte em conceitos idealizados pelo mestre Tode Sakugawa (1733-1815), repassados entre gerações de praticantes até chegarem a Gichin Funakoshi. Posteriormente, foram formulados os Vinte Princípios norteadores da prática do Karate-Do dentro e fora do dojô, dando expressão formalizada e em termos de diretrizes com conteúdo específico à ideia geral, e um tanto abstrata, de que a arte deve constituir um caminho a ser percorrido e vivenciado, e não apenas ser vista como uma forma de defesa pessoal. (FERREIRA, 2017).

Na Figura 6, observa-se o Dojô-kun na caligrafia<sup>33</sup> (a própria caligrafia uma arte do “Do”, ligada à espada) de Nakayama, instrutor-chefe da Japan Karate Association (JKA) após a saída de Gichin Funakoshi em 1958, e alguém que sempre buscou preservar ao máximo esses princípios dentro da JKA. Atualmente o Dojô-kun ainda é um dos pilares filosóficos fundamentais do Karate-Do JKA, juntamente com o Niju-kun e o próprio Bushidô<sup>34</sup>. As cinco linhas do Dojô-kun são recitadas ao final das sessões de treinamento, não em japonês, mas na língua respectiva de cada país<sup>35</sup>, pelo aluno mais antigo (sempai), e, idealmente, retidas por todos os presentes no treinamento como forma de manter atualizada a tradição seus sentidos, e também de ponderar acerca dos princípios de formação do “caráter humano” tal como Gichin Funakoshi os compreendia.

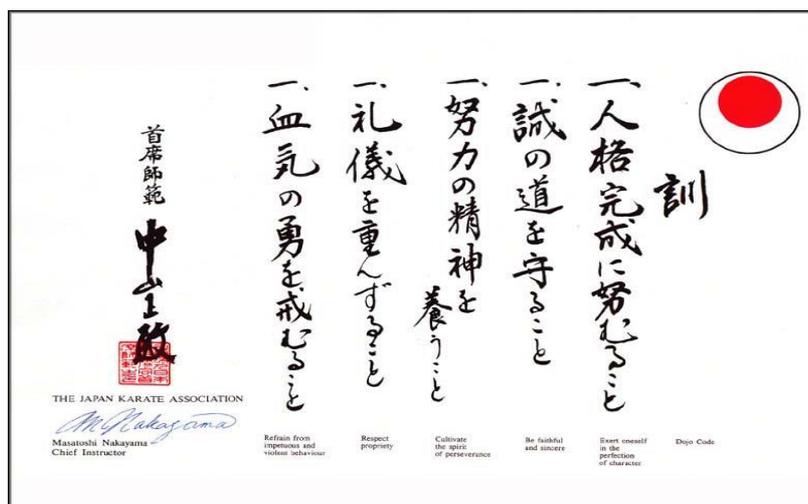
---

<sup>33</sup> Lembremos: a própria caligrafia constitui uma arte do “Do”, ligada à espada. A pena e a espada, na tradição de Miyamoto Musashi (1584-1645).

<sup>34</sup> Pode-se visualizar no próprio site da instituição (<https://www.jka.or.jp/en/>), na aba “philosophy”, os três pilares filosóficos citados, que durante os treinamentos são comumente mencionados como constituindo a base filosófica da prática.

<sup>35</sup> As questões relacionadas à tradução do Dojô-Kun do japonês para cada língua nacional dariam por si só um estudo à parte.

Figura 6 - Dojô-kun, escrito por Masatoshi Nakayama.



Fonte: Santos (2009).

A seguir, faz-se uma análise dos cinco princípios do Karate-Do, com o intuito principal de reconhecer e explorar o conteúdo filosófico e pedagógico dos mesmos, sintetizados na concepção de “Caminho” de Gichin Funakoshi. Pode-se observar que esses cinco princípios iniciam-se com a palavra “Hitotsu” que significa “primeiro, ou “primeiramente”, ou seja, não há uma ordem hierárquica de um a cinco, sendo todos os princípios considerados igualmente imprescindíveis para a prática correta e bem orientada do Karate-Do. Ao final de cada lema, por sua vez, temos o sufixo “Koto”, que é utilizado para reforçar a ideia de realização e cumprimento dos princípios (BARTOLO, 2009).

- HITOTSU – JINKAKU KANSEI NI TSUTOMORU KOTO  
PRIMEIRO – ESFORÇAR-SE PARA A FORMAÇÃO DO CARÁTER

Neste princípio, temos os termos “esforço”, “formação” e “caráter”. “Caráter” é um termo muito presente no texto de Gichin Funakoshi Os sentidos de seu uso permitem a interpretação de que “caráter” engloba o conjunto das virtudes associadas à tradição das Artes Marciais, desde aquelas que vêm do pensamento de Confúcio (aprendido com seu avô), passando pela cultura samurai e pelo código Bushidô, e chegando a seus próprios mestres, bem como pelo que percebia como sendo as necessidades de um cidadão japonês do século XX: respeito pelos antepassados e pela cultura japonesa, fidelidade, honra, retidão, lealdade, honestidade, coragem, respeito, compaixão, benevolência, a busca de uma sociedade justa. Numa palavra,

viver e morrer com dignidade. Para Funakoshi, “caráter” é tudo isso, e a prática do Karate como “Do” seria capaz de instrumentalizar o praticante para este processo que é entendido como “formativo”, processual, e que sobretudo é resultado de esforço, salientando ainda mais o sentido de “busca”. Sendo fruto de esforço, está ao alcance de todos, basta esforçar-se, não estando mais ao alcance exclusivamente de uma casta especial, por exemplo. Também se pode perceber nesse princípio uma analogia em que o homem como uma pedra bruta transforma-se em uma pedra polida e lapidada. (CUNHA apud BARTOLO, 2018).

Esse princípio, fazendo parte do Dojô-kun, envolveria a percepção adequada do significado da prática, do que se está fazendo ali, e o modo de ser e de se comportar dos karatekas no Dojô. Não haveria razões para que as qualidades cultivadas no Dojô não fossem levadas para a vida, para o mundo, e de volta para aquele espaço. Sem essa interrelação, não haveria sentido para a prática se não os aspectos biomotores de uma atividade física qualquer. É precisamente esse foco na dimensão física que o mestre Funakoshi tentava combater por meio de seus ensinamentos.

- HITOTSU – MAKOTO NO MICHIO MAMORU KOTO

- PRIMEIRO – FIDELIDADE AO VERDADEIRO CAMINHO DA RAZÃO

Esse princípio refere-se ao caminho da sabedoria para os karatekas. Além de trazer o termo confuciano “fidelidade”, oferece à primeira vista uma dificuldade: qual seria o “verdadeiro caminho da razão”? Para Funakoshi, o bom senso a que se chega com o cultivo das virtudes do caráter. Este “bom senso” seria uma base segura para enfrentar-se as adversidades apresentadas pela vida, e receber-se de forma equilibrada o bom e o ruim, o fracasso e o êxito. (CUNHA apud BARTOLO, 2018).

- HITOTSU – DORYOKU NO SEISSHIN O YASHINAU KOTO

- PRIMEIRO - CRIAR O INTUITO DE ESFORÇO

O próprio esforço, por assim dizer, exige um esforço anterior. Exige intenção. A ideia mesma de “Caminho” supõe um “caminho”, uma senda, uma vereda a ser aberta, “caminhada”, trilhada. Um caminho a ser aberto. E não é só abrir: manter-se no caminho também exige esforço, daí a repetição desse princípio em todas as sessões de treino. É um princípio muito ligado à ideia de perseverança, virtude que pode ser facilmente estendida a todos os campos da vida, como o trabalho e os estudos. No Dojô, percebe-se que esse princípio é facilmente entendido pelas crianças e jovens:

treino após treino, na busca pelo aperfeiçoamento prático e teórico das técnicas, trazem consigo a ideia de perseverança, ao demonstrar que o esforço é recompensado pelo *sentimento* de crescimento e evolução na arte. Um exemplo do aprendizado pela prática.

“Criar o intuito de esforço” é o princípio reconhecido por Tokitsu (2012) como a chave para a compreensão do Budo através das Artes Marciais. Se o Karateka conseguir desenvolver o intuito de esforço nos treinamentos e nas atividades do Dojô como um todo, e puder levar esse senso de esforço para os demais campos de sua vida... isso é o melhor resumo de prática do Budo, tal como exposto e explorado neste trabalho. Para o mesmo autor, como vimos, um praticante pode levar uma vida praticando uma arte qualquer do “Do” e não estar no “Caminho”.

E ainda pensando no dia a dia de treinamento, podemos perceber uma evolução dos karatekas no decorrer do tempo relacionados a esse sentimento de esforço, pois cada vez mais se desenvolve a intenção de auto-superação em aspectos físicos e mentais, que podem e devem ser refletidos em qualquer situação da vida, ou seja, na escola, no trabalho, na família, no esporte e outros. No meu ponto de vista, assim como para Tokitsu (2012), esse princípio é um ponto chave para relacionar o Karate-Do com vida em geral, sendo esse o sentido do “Do”, o caminho marcial.

- HITOTSU –REIGI O OMUNZURO KOTO  
PRIMEIRO - RESPEITAR ACIMA DE TUDO

Os princípios do Dojô-kun foram todos, em certa medida, baseados em perspectivas religiosas, ou filosófico-religiosas (Xintoísmo, Budismo, Zen-Budismo, Confucionismo), porém é neste que essa característica fica mais evidente, pelo seu caráter de empatia e de postura básica em relação aos outros e ao mundo. O “respeito acima de tudo” oferece uma das virtudes do conjunto de virtudes que formam o “caráter”, como balisadora das demais. No dojô ou na vida, a postura apriorística de respeito faz com que o praticante não reaja imediatamente, arrastado pela circunstância, a qualquer estímulo da realidade: em uma luta ou em uma situação qualquer de conflito, por exemplo, ele poderá ponderar, escolher a melhor abordagem e “desamarrar o nó”, oferecem uma solução para o problema. “Respeitar acima de tudo” é um princípio que abrange todos os aspectos da vida humana e mesmo suas conexões com o mundo da natureza, ou seja, as demais formas de vida. No dojô o respeito deve perpassar todas as relações, dos mestres aos mais e menos graduados,

dos mais velhos aos mais jovens, dos mais antigos na prática aos mais recentes, e isso se traduz na posição no interior do espaço de treino e nas próprias dinâmicas ali estabelecidas (CUNHA apud BARTOLO, 2018).

Nas vivências dentro de vários dojôs de Karate-Do, com frequência ouve-se esta frase extraída do Zen, o budismo japonês: “Deve-se manter *mente de principiante!*” Essa orientação, ou instrução, que refere-se ao posicionamento sempre com o espírito curioso de quem está no início do caminho, começando a aprender. Trata-se de uma disposição de espírito que a um só tempo mantém a atenção voltada para os fundamentos básicos da Arte Marcial, cujo domínio se entende como o essencial, e a humildade que se compreende como necessária para galgar os níveis mais avançados – sempre junto com a comunidade de praticantes. O Karate-Do aceita que seu processo de ensino-aprendizagem é lento e gradativo, sempre envolvendo esse aspecto respeitoso como parte fundamental do desenvolvimento solidário do outro. As dificuldades pelas quais um praticante está passando são as dificuldades pelas quais um outro praticante já passou, e são as dificuldades pelas quais um outro praticante passará. Novamente, o aprendizado de um princípio abstrato *pela prática*.

- HITOTSU – KEKKI NO YUO IMASHIMURU KOTO  
PRIMEIRO – CONTER O ESPÍRITO DE AGRESSÃO

Este princípio traduz o “paradoxo do guerreiro”: aprender a lutar como um instrumento de uma cultura de paz. Conter o espírito de agressão de si mesmo e *do outro*. Ou, como se diz no universo das Artes Marciais, “quem luta não briga”. Nada mais distante das virtudes que formam o caráter para Gichin Funakoshi, e nada também mais distante do bom senso, que a agressão, em qualquer nível: uma situação de briga de rua ou uma guerra. Este é o princípio do Dojô-kun que afirma o Budo como um humanismo. Isso é praticado e desenvolvido durante qualquer boa aula de Karate-Do e de outras Artes Marciais, mas deve ser adequadamente enquadrado para que o ensinamento associado possa se dar – novamente, porém, pela prática.

Funakoshi era ele próprio um exemplo de cavalheirismo e polidez no convívio interpessoal, evitando ao máximo conflitos desnecessários em sua vida. Stevens (2007) relata:

Durante esses anos em Okinawa, surgiram muitas oportunidades para Funakoshi aplicar o Karate-Do em situações práticas. Lidar com valentões de rua, bêbados arruaceiros e pequenos criminosos não era problema para o

mestre de Karate-Do. Certa vez, por exemplo, ele repreendeu um sujeito que estava se comportando mal num banquete. O desordeiro urinou em Funakoshi para provocar uma luta. Funakoshi deixou que ele atacasse, mas o valentão não conseguiu acertar um único golpe. Depois de um tempo, caiu exausto no chão, com a raiva dissipada. Funakoshi não havia desferido um só golpe, deixando que o sujeito derrotasse a si mesmo. (STEVENS, 2007, p. 65).

Essa situação ilustra o princípio da contenção do espírito de agressão, como citado no Dojô-kun, e, mais do que isso, expressa um autoconhecimento e um autocontrole fora do comum, atribuídos pelo próprio Funakoshi ao desenvolvimento dessas capacidades no Karate-Do. Porém, os maiores desafios que Gichin Funakoshi enfrentou durante sua vida foi por ocasião de mediações de conflitos entre grupos de Okinawa. Era solicitado com frequência para resolver problemas entre professores e alunos do sistema local de ensino, e em pelo menos uma situação atuou como mediador em um conflito político entre aldeias locais, um caso de disputa por território. Essa confiança que a comunidade depositava em Gichin Funakoshi pode ser explicada pelo reconhecimento de sua presença como um mestre que transcendia as habilidades técnicas específicas da artes marcial. Ele próprio afirmava que a maior dificuldade nesses conflitos era a resistência física e mental, sendo as qualidades para “desarmá-las” desenvolvidas através do treinamento de Karate-Do. (STEVENS, 2007).

O Dojô-kun constitui, como se vê, uma ferramenta simples e ao mesmo tempo complexa: são muitas as camadas de possibilidades de uso e de interpretação. Os princípios podem ser compreendidos pelos praticantes através da prática, em níveis diferentes de progressão e significação filosófica e pedagógica. Sendo que, os professores devem ser os principais responsáveis por tentar refletir a prática utilizando essa ferramenta primordial do Karate-Do, desenvolvida e aprimorada por Gichin Funakoshi com intuito de desenvolver o Budo.

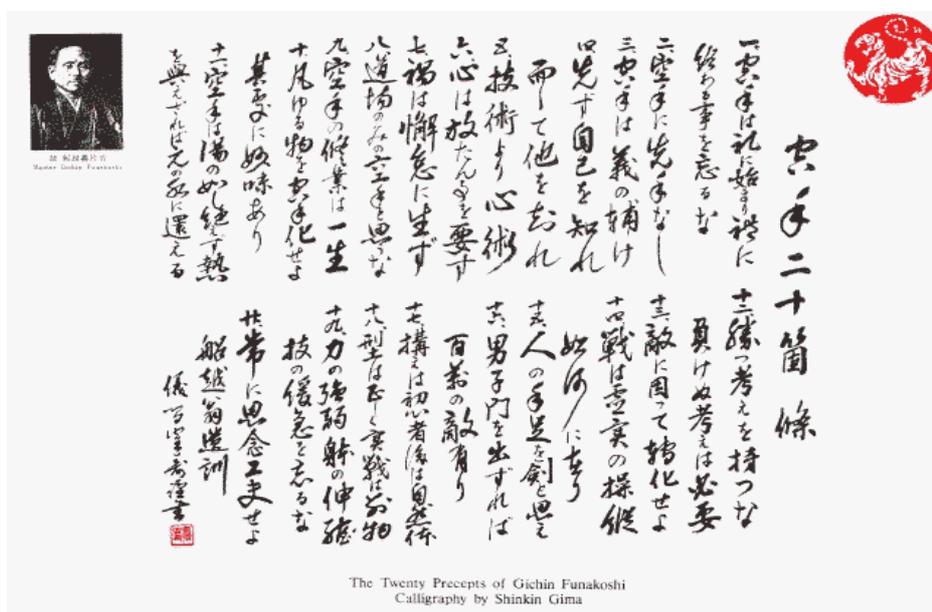
#### 4.2 O “NIJU-KUN”

O Dojô-kun pode parecer como uma forma de doutrinação “disciplinar” para quem o observe desde fora do ambiente da Arte Marcial. Porém, esse não era o objetivo de Gichin Funakoshi, cuja preocupação estava em preservar em princípios

de enunciação simples as potencialidades filosóficas e pedagógicas do Karate-Do. Mais tarde, eventualmente, Funakoshi iria ampliar esses cinco princípios para um corpus de vinte princípios. Como um professor preocupado com a forma como os educandos estavam assimilando os preceitos filosóficos e éticos da arte, que de certa forma abrange um contexto amplo e subjetivo, Gichin Funakoshi foi aos poucos agregando material teórico-filosófico de modo a expressar a evolução de seu pensamento e enriquecer o escopo da Arte Marcial. Nestes vinte novos princípios, são abordados temas que envolvem moral e ética, mas também questões de ordem técnica. (BARTOLO, 2018, p. 97)<sup>36</sup>.

Na Figura 7, visualiza-se a imagem do Niju-kun na caligrafia escrita de um mestre de Karate-Do, Gima Shinkin (1896-1989), aluno de Gichin Funakoshi. O Niju-kun não é recitado como o Dojô-kun ao final dos treinamentos, mas serve como um “guia” para os professores no sentido de manter presente o pensamento e orientações do mestre idealizador e organizador do Karate-Do Shotokan.

Figura 7 - Niju-kun escrito por Gima Shinkin.



Fonte: Twenty (2018).

<sup>36</sup> Não faremos uma interpretação de cada termo do Niju-kun, como nos propusemos a fazer dos termos do Dojô-kun. Os vinte princípios constituem uma extensão do Dojô-kun, e sua inclusão nesta pesquisa tem o sentido de apreciá-los em relação a este, mostrando suas potencialidades de uso no ensino-aprendizagem do Karate-Do.

Segundo Funakoshi (2005), estes vinte princípios são um legado deixado com o intuito de que os estudantes de Karate-Do pudessem avançar em sua compreensão da arte. São enunciados de forma igualmente concisa em relação ao Dojô-kun, o que reflete a pedagogia “não palavrosa” das Artes Marciais. Estes vinte princípios devem servir de estímulo tanto para a nossa vida em geral quanto a prática do Karate-Do, levando a uma reflexão de como podemos melhorar a condução de nossa vida. O aspecto de se “ir além do dojô” é evidente no Niju-kun. Genwa Nakasone, autor do prefácio original da obra em que Funakoshi expõe os vinte princípios do Niju-kun, publicada em 1938 (“Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre”), salienta que esses princípios foram estabelecidos pelo mestre como um instrumento de orientação para seus discípulos explorarem de forma mais profunda os aspectos espirituais do Karate-Do, e não somente a busca pela perfeição técnica, “como a maioria dos iniciantes buscam”. (FUNAKOSHI, 2005, p. 15).

Os vinte princípios fundamentais do Karate-Do, segundo Funakoshi (2005, p. 15), são:

1. Não se esqueça que o Karate-Do começa e termina com *rei*.
2. Não existe o primeiro golpe no Karate-Do.
3. O Karate-Do permanece ao lado da justiça
4. Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros.
5. A mente é mais poderosa que a técnica.
6. A mente deve ficar livre.
7. O infortúnio resulta de um descuido.
8. O Karate-Do vai além do Dojô.
9. O Karate-Do é uma atividade vitalícia.
10. Aplique o Karate-Do em todas as coisas. Isso é o que ele tem de belo.
11. O Karate-Do é como água fervente: sem calor, retorna ao estado tépido.
12. Não pense em vencer. Em vez disso, pense em não perder.
13. Mude de posição de acordo com o adversário.
14. O resultado de uma batalha depende de como encaramos o vazio e o cheio (a fraqueza e a força).
15. Considere as mãos e os pés do adversário como espadas.
16. Ao sair pelo portão, você se depara com um milhão de inimigos.
17. A *kamae* (posição de prontidão) é para os iniciantes; com o tempo, adota-se a *shizentai* (postura natural).
18. Execute o *kata* corretamente; o combate real é outra questão.
19. Nunca se esqueça de imprimir ou subtrair a força, de distender ou contrair o corpo, de aplicar a técnica com rapidez ou lentamente.
20. Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho.

De acordo com Funakoshi, esses vinte princípios podem ser aplicados nas Artes Marciais em geral e também em todas as atividades humanas, e, ainda, por pessoas que não praticam nenhuma Arte Marcial, mas que possuem para si a perspectiva do desenvolvimento humano.

Durante nossa experiência como aluno e também como professor, observador do processo de ensino-aprendizagem tal como ocorre no Karate-Do, percebe-se que o Niju-kun é muito presente nas explicações dos professores e conversas entre karatekas – sendo que tais conversas não têm como objeto necessariamente o Karate-Do, o que ilustra a presença significativa dessa Arte Marcial na vida de seus praticantes. Porém, ainda assim verifica-se a necessidade de uma exploração mais sistemática do Niju-kun dentro dos dojô, uma vez que isso pode ressignificar e ampliar significativamente o sentido da prática do Karate-Do para os praticantes. Mesmo não havendo um conhecimento teórico-filosófico mais elaborado em muitos ambientes de treino – e daí a necessidade de se formarem grupos de estudos teóricos em cada dojô, que supram minimamente essa deficiência -, os praticantes relatam e explanam de forma empírica sua experiência, percepções e reflexões, sendo evidentes as potencialidades para que enriqueçam sua conexão com o Karate-Do – na perspectiva apontada por Funakoshi.

Por meio do Niju-kun, os professores podem extrair conceitos originais de fundamentação técnica e teórica para suas aulas, com o devido cuidado no sentido de contextualizá-los, de modo que os estudantes possam, da melhor forma, compreender os sentidos que Funakoshi desejava transmitir em seus ensinamentos, atualizando-os.

#### 4.3 POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS DO KARATE COMO “DO”

Por que a expressão utilizada para se referir ao mestre Gichin Funakoshi é a de “o pai do Karate-Do moderno”? Quais eram as características do “Karate antigo”, se há um que é “moderno”? Diversos questionamentos surgem para os praticantes contemporâneos que não têm a oportunidade ou os meios-hábeis para estudar o assunto, ou que frequentam algum dojô que não valoriza os aspectos teóricos e culturais do Karate-Do (o que faz parte da problemática levantada neste trabalho).

O Karate antigo não possuía o termo “Do” em seu nome. Isso não significa que preocupações de caráter filosófico não existissem de todo – mas a inserção do termo “Do” traz consigo toda uma ordem de preocupações que diz respeito ao Karate como constituindo mais que uma “arte da guerra”. Vimos que, com essa inclusão por Gichin Funakoshi, a perspectiva educacional da arte foi reconhecida, consolidada e crescentemente ampliada no sistema educacional japonês, inicialmente, e mundial, mais tarde.

Porém, paradoxalmente, uma característica importante do Karate moderno (é verdade que após a morte de mestre Funakoshi) foi o cultivo de seu caráter esportivo, de competição – caráter que veio a alcançar hegemonia no mundo inteiro, em detrimento da perspectiva do Karate como Budo. Hirokazu Kanazawa (2010), um dos mestres atuais mais respeitados do Karate-Do, tem alertado para a realidade de que praticantes iniciantes de Karate-Do sequer têm consciência, ou mesmo têm sua atenção chamada, para aquelas dimensões outras do universo da Arte Marcial. Foi por esta exata razão que Gichin Funakoshi inseriu o sufixo “Do” no Karate: para que seus adeptos e também os professores mantenham sempre presente a conexão da prática com a vida como um todo (KANAZAWA, 2010, p. 18).

Kanazawa faz também um outro alerta: os riscos de não se seguir a dimensão do “Do” não se restringe apenas a praticantes não estarem “de fato” no “Caminho”, como apontado por Tokitsu (2012) e visto anteriormete. Mas traz consequências sobre algo que constitui um aspecto importante da prática de Artes Marciais muito presente em visões de senso comum: o “caminho errado”, no sentido de haver praticantes mal intencionados que façam uso de habilidades adquiridas no Karate para, por exemplo, praticar o bullying, ou reforçar uma índole agressiva, ou mesmo praticar crimes em sentido estrito (KANAZAWA, 2010, p. 19).

Quer dizer: por razões de variadas ordens, é preciso afirmar a presença do Karate-Do em âmbito educacional. Muitos profissionais do Karate-Do encontram-se conscientes da necessidade de explorar as potencialidades dessa Arte Marcial de modo científico e pedagogicamente elaborado.

### 4.3.1 A filosofia e a pedagogia de Gichin Funakoshi: recorrências

Há um aspecto existencial-psicológico do envolvimento original de Gichin Funakoshi com o Karate-Do que é relevante retomar aqui: tendo sido uma criança adoentada e frágil, recebeu a sugestão de treinar para que conseguisse superar sua condição, o que fez, de início, com pouco interesse. Porém, em pouco tempo de prática sua saúde apresentou melhora significativa, o que o estimulou seu interesse pela Arte Marcial, levando-o a dedicar-se cada vez mais e a lançar-se de corpo, alma e coração inteiros na prática, no ensino e no trabalho de reflexão teórica do Karate-Do. O termo “filosofia de vida” faz sentido, no contexto da vida do mestre Funakoshi, inclusive no que se refere a esse tipo de empenho – de esforço - por toda a vida: um “caminho” (FUNAKOSHI, 2010).

Na busca constante pela conexão do Karate-Do com a vida diária de seus praticantes, com a experiência de vida dos mesmos, Gichin Funakoshi (2010) revela uma preocupação especial para com os jovens. Expressando inequivocamente a base confuciana herdada das Artes Marciais chinesas, dá grande importância à família e ao amor filial – estimando-os como primordiais para o que chama de “a raça humana”. Como professor, orientava de forma rígida essas questões, salientando que o verdadeiro praticante encontra o seu lugar na sociedade por meio de tais valores familiares. Também se preocupa, em contexto semelhante, com a propagação da benevolência, do amor, da amizade e da lealdade por meio da prática do Karate-Do: o amor próprio e também pela família e amigos, a consideração pelos outros e a humildade. Na tradição confuciana, como já visto no primeiro capítulo, elementos que compõem a noção de “vida virtuosa”, conduzindo a uma comunidade igualmente virtuosa, justa e estável.

Podemos observar a preocupação do mestre Gichin Funakoshi com os seus novos alunos em orientar e deixar claros os objetivos do Karate-Do, para que a prática da arte fosse duradoura e influenciadora daquelas virtudes. Observemos a seguinte passagem de sua autobiografia:

Uma das coisas que sempre digo aos meus novos alunos é que aquele que pensa só em si mesmo e não considera os outros não está qualificado a aprender Karate-Do. Descobri que os estudantes sérios da arte são sempre muito atenciosos um com o outro. Eles também demonstram a grande firmeza

de propósito que é essencial para continuar o estudo do karatê durante todo o longo período de tempo que ele exige. (FUNAKOSHI, 2010, p. 80).

Pode-se afirmar que as tradições e costumes dos povos são transmitidos de geração em geração através das famílias e comunidades, e também, de uma forma mais estruturada, inclusive pedagogicamente, através dos professores. No caso do Karate-Do é o Sensei (aquele que veio antes), que começou antes a percorrer o caminho - quem transmite esse legado histórico-cultural. De acordo com Bartolo (2018), o “Do” introduzido no Karate exige uma compreensão muito mais ampla do que aquela que simplesmente leva a reproduzir ditados antigos, lidos acriticamente, ou frases de efeito, ou seja, necessita de um real contato interpessoal com indivíduos que vivenciaram práticas físicas e teóricas que embasem a transmissão dos conhecimentos. *Representantes vivos* da tradição a quem tenham sido transmitidos os ensinamentos, como se usa dizer tanto nas Artes Marciais como no Budismo<sup>37</sup>.

As discussões filosóficas e éticas nas Artes Marciais japonesas, ou Budo, são baseadas, fundamentalmente, nas concepções budistas e xintoístas de mundo, em um universo no qual não há “absoluto”, porque nada existe que não seja relativo. De modo que o universo não é fundado sobre o conceito de Deus/Absoluto (TOKITSU, 2012). O autor também refere conhecer diversos mestres japoneses de Artes Marciais que são cristãos, e que isso não os impede de considerar noções como a de uma energia universal (“ki”) no sentido taoísta ou xintoísta.

Esse respeito sobre diferentes posicionamentos ideológicos e religiosos através da humildade e cortesia também estão presentes nos ensinamentos de Gichin Funakoshi. Segundo suas palavras, e como visto no Niju-jun, aqueles que seguem o Karate-Do devem conferir à cortesia primordial importância, pois sem cortesia e humildade o Karate-Do perde sua característica formadora do caráter. O estudante do Karate-Do deve ser humilde, qualidade entendida como propícia para o aprendizado. (FUNAKOSHI, 2014).

Pode-se assim reforçar a ideia de que a pedagogia de Gichin Funakoshi tinha como objetivo a formação do caráter, termo englobador das demais virtudes associadas ao fundamento confuciano das Artes Marciais. O Karate-Do para ele

---

<sup>37</sup> Aqui, novamente, toma-se emprestado um termo do Budismo: “transmissão”. Atestando mais uma vez a conexão original entre as Artes Marciais e o Budismo (com Daruma no século VI, como vimos), tem-se a necessidade da existência e presença de um mestre vivo que transmita os ensinamentos.

deveria, pois, ser um meio para o desenvolvimento humano, e mesmo que a prática dessa Arte Marcial pudesse se resumir a gestos motores específicos de combate, em uma visão “omote” (visível, palpável), Funakoshi jamais deixou as demais dimensões do Karate-Do, a perspectiva “ura” (oculta, subjacente), serem esquecidas ou negligenciadas. Para Funakoshi, em uma frase célebre, no Karate-Do, mesmo em uma situação de combate, “o espírito deve vir antes, a técnica depois” (FUNAKOSHI, 2014).

Sugerimos como uma das ideias fundamentais desta dissertação que essas duas categorias, apresentadas na Introdução, “omote” e “ura”, as dimensões visível e invisível, podem constituir uma chave de leitura, uma chave interpretativa para compreender tanto o modo como o Karate-Do foi assimilado pelo Ocidente, como as formas pelas quais a Arte Marcial tem sido ensinada, sobretudo, mas não só, no ambiente escolar. O Ocidente “não enxergou” o “Do”, subjacente ao “Karate” – mais visível em sua dimensão física. De modo semelhante, o ensino-aprendizagem negligenciou as dimensões contidas no “Do” – e segue o fazendo. Se os professores, no entanto, conseguirem explorar durante o processo de ensino-aprendizagem do Karate-Do esses aspectos visíveis (físico) e invisíveis (caráter), integrados, resgatando sentidos das Artes Marciais que não remontam apenas a Gichin Funakoshi, mas a toda a tradição, as potencialidades educacionais a que fazemos referência aqui poderiam realizar-se, ressignificando aquele processo pedagógico e reativando um fonte de saberes milenar.

## 5 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DO KARATE-DO

Uma entre duas possibilidades é a de se pensar o ensino-aprendizagem do Karate-Do *pela prática*. Pensar possibilidades de aplicação nesse sentido é algo que está relacionado à ideia fundamental do “Caminho”: o “Do” presente em Budo e no Karate-Do de Funakoshi.

No senso estrito do termo, Budo não designa qualquer disciplina de Artes Marciais em particular, mas antes a qualidade da maneira como a pessoa pratica a disciplina e o conteúdo disso. Assim, não é porque alguém pratica seriamente Kendo, Aikido, Karate-Do, a arte do bastão (Jodo), tiro com arco (Kyudo) - em suma, qualquer uma das diversas disciplinas que tem sufixo “Do” - que pratica Budo. Quando a prática da disciplina física espontaneamente contém um esforço para cultivar a si mesmo como uma pessoa inteira, o esforço que é próprio do caminho, é que se torna Budo. (TOKITSU, 2012, p. 41).

O autor ainda salienta que o “Caminho” se inicia pela técnica, e, com o tempo, irá se tornar inseparável da busca pelo significado da vida, por um propósito. Se não for através da técnica (corpo), alinhada à noção de “Caminho” (mente, espírito), desencadeado este pelo intuito do esforço (como no Dojô-kun), o Budo como tal não estará presente. Nota-se que além de “ura”, o Budo é sutil, fugidio. Por outro lado, não parece tratar-se de modo nenhum de algo abstrato, pois enfatiza-se a experiência vivida da prática, um aprendizado pela prática, que se inicia pela dimensão sensível-corpórea, em um sentido bem físico do termo “esforço” – este a chave que permite a qualquer pessoa praticar o Budo total e completamente, ultrapassando limites geográficos e obstáculos culturais. (TOKITSU, 2012).

Percebemos, a partir de nossa experiência, que o ensino-aprendizagem do Karate-Do na perspectiva do Budo é possível, ainda que difícil, complexo. Existem ainda diversas questões relacionadas ao Karate-Do que devem ser superadas, ou reestruturadas. Uma dessas questões, segundo Oliveira, Telles, Barreira (2019), é a de que, como já observamos em outro contexto, o Karate-Do é fácil e frequentemente relacionado a uma modalidade de combate, à superação de adversários e à busca de troféus e medalhas, e tudo o que escape a essa dimensão é desinteressante, ou apenas curiosidade, ou um adorno desnecessário. O aspecto “Do” do Karate (onde residiriam potenciais educacionais não aproveitados) precisa, além de ser evidenciado, ser afirmado em termos de sua pertinência e importância.

As próprias noções de ética, tão importantes no contexto educacional contemporâneo, no ensino-aprendizagem do Karate-Do dependeriam desse tipo de compreensão:

Concebido como uma via conduzindo a um estado de espírito que libera as faculdades humanas nos diversos domínios das artes. Este estado espiritual pode ser atingido pelo aprofundamento de uma disciplina. Ele comporta um aspecto ético (TOKITSU, 2002, p. 31 apud BARREIRA, 2006, p. 108).

De todo modo, perspectivas renovadas do ensino-aprendizagem do Karate-Do devem estar embasadas, ou inspiradas, nas duas “ferramentas filosófico-pedagógicas” apresentadas anteriormente, o Dojô-kun e Niju-kun. Pelo menos como um ponto de partida, a ser sempre examinado e reexaminado criticamente. Pedagogicamente, filosoficamente, cientificamente. O próprio Funakoshi possuía essa consciência crítica, o que se pode perceber no modo como tratava a “mitologia” envolvendo o mundo das Artes Marciais, “mitologia” essa muito presente no imaginário social, posto que alimentada a partir do estabelecimento de uma cinematografia especializada no gênero. Em seu livro “Karate-Do Kyohan”, de 1935, já no primeiro capítulo conceitua e também desmitifica/desmistifica a arte, vista pelo povo como algo quase sobrenatural. No trecho a seguir, Funakoshi deixa claro o seu posicionamento realista perante os comentários que surgiram no século XIX sobre o ainda “misterioso” Karate. (FUNAKOSHI, 2014, p. 21).

Com o seu shutô (mão em espada), ele pode matar um touro com um golpe, perfurar o flanco de um cavalo com sua mão aberta, ele pode atravessar uma sala agarrado pelos seus dedos às vigas do teto, esmagar uma haste de bambu verde com as mãos livres, cortar uma corda de cânhamo com uma torção ou arrancar uma rocha com as mãos. Alguns consideram tais aspectos dessa milagrosa e misteriosa Arte Marcial a essência do Karate-Do. Mas esses feitos são uma pequena parte do karate-Do e desempenham um papel semelhante ao teste do corte de palha do Kendo (esgrima japonesa); é errôneo pensar que não há nada além disso no Karate-Do. Na verdade, como veremos, o verdadeiro Karate-Do dá um peso maior às questões espirituais que às físicas. O verdadeiro Karate-Do é: que na vida cotidiana, a mente e o corpo sejam treinados com espírito de humildade; e em momentos críticos, sejam absolutamente dedicados à causa de justiça. (FUNAKOSHI, 2014, p. 21).

Nessa passagem vemos mais uma vez confirmada a visão de que mestre Gichin Funakoshi priorizava o desenvolvimento espiritual sobre o físico, em termos de objetivo último da prática. Dessa forma, ele mantinha o foco no principal objetivo do Karate-Do. Nakayama (1977) afirma ter presenciado por inúmeras vezes Funakoshi destacar esse propósito, que era “o cultivo de um espírito sublime, de um espírito de humildade”. Só seria possível tornar-se um praticante avançado alcançando-se a máxima perfeição nos dois aspectos, o físico e o mental, até que eles deixassem de ser dois aspectos. É o ideal oriental da não dualidade (NAKAIAMA, 1977, p. 9).

Mesmo considerando tais objetivos últimos, semelhantes ao conceito budista de iluminação, havia porém o cotidiano dos treinamentos e ensinamentos, a dimensão da vida prática. Podemos observar abaixo, em uma outra passagem da obra “Karate-Do Nyumon”, intitulada “preceitos de treinamento”, a apresentação de sete orientações aos praticantes da arte.

[...] pense na vida de cada dia como um treinamento em Karate-Do. Não limite o Karate-Do apenas ao Dojô, nem considere apenas como um método de luta. O espírito da prática do Karate-Do e os elementos do treinamento se aplicam a todos e a cada um dos aspectos da nossa vida diária. O espírito nascido do esforço e do ranger dos dentes de frio no treinamento no inverno, ou nascido do suor do treinamento do verão, pode ser-lhe muito útil no seu trabalho. E o corpo que se forjou nos chutes e socos da prática intensa não sucumbirá às provocações de estudar para um exame difícil, ou de levar a cabo uma tarefa enfadonha. Alguém cujo espírito e força mental se fortaleceram através das lutas com uma atitude de nunca desanimar não deve encontrar dificuldade em enfrentar nenhum desafio, por maior que ele seja. Alguém que suportou longos anos de sofrimento para aprender um soco ou um chute, deve ter condições de encarar qualquer tarefa, por mais difícil que ela seja, e de executá-la até o fim. Sem dúvida nenhuma, uma pessoa com essas características aprendeu verdadeiramente o Karate-Do. (FUNAKOSHI, 2013, p. 51).

São orientações desse tipo, uma “pedagogia do estoicismo” muito cara às tradições orientais, que Gichin Funakoshi fazia questão de frisar em suas palestras ou mesmo durante as aulas que ministrava. Ele afirmava que os valores relacionados ao caráter não poderiam limitar-se ao Dojô, e que se o praticante agisse de forma polida dentro ambiente de treinamento, e fora, em casa ou na rua, agisse de forma arrogante, com familiares e demais pessoas, esse não teria o direito de praticar nenhuma Arte Marcial. (FUNAKOSHI, 2013).

Destacamos, assim, que os elevados objetivos assumidos pelo Karate-Do não prescindem de aspectos muito práticos das vida cotidiana, pelo contrário: começam

aí, até que deixem de existir diferenças entre vida cotidiana e filosofia, entre sessões de treinamento e propósitos de vida maiores, entre o físico e o mental, entre o Karate e o Do.

Na próxima parte do trabalho, serão apresentadas sugestões para a realização de intervenções práticas em ambientes escolares, ou em outros espaços que sejam utilizados de forma adaptada, e ainda em dojôs devidamente estruturados para o desenvolvimento da prática. Tais sugestões não têm a intenção, evidentemente, de ser uma alternativa para a resolução do impasse que ocorre no ensino-aprendizagem do Karate-Do – o de estar ou não este ensino não alinhada ao Budo -, e, sim, a de propor ideias para a implementação de elementos teórico-metodológicos que visam desenvolver os aspectos que possam estar sendo negligenciados em projetos educacionais envolvendo a Arte Marcial.

## 5.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Havíamos afirmado que uma entre duas possibilidades seria a de se pensar o ensino-aprendizagem do Karate-Do *pela prática*. E que pensar possibilidades de aplicação nesse sentido é algo que está relacionado à ideia fundamental do “Caminho”: o “Do” presente em Budo e no Karate-Do de Funakoshi. Aspectos, portanto, daquilo que Funakoshi chamava de “formação do caráter”, e que *emergem da prática*, devem ser trabalhados de modo mais consciente e deliberado, inclusive metodologicamente, pelos professores.

A outra possibilidade é a de se pensar esse ensino-aprendizagem como necessitando de sessões de aulas teóricas que complementem as aulas práticas e sejam complementadas por elas: trata-se da necessidade de apresentar as já mencionadas conexões do Karate-Do com a História, com a Filosofia, com a Ética, com a Antropologia, com a Ética, com a Literatura, com as Artes, com a Educação Física, e assim por diante. Nesse sentido, possibilidades virtualmente infinitas se abrem, inclusive em termos de multi e mesmo de transdisciplinaridade. Apresentamos uma delas – aqui exposta como um misto de estudo de caso (uma vez que, como já mencionado, se trata de uma experiência pedagógica ainda em aberto e em curso) e de proposta de intervenção, concebida no Grupo de Estudos da Associação Bushidô de Karate JKA Dojô, em Erechim-RS – associação de que faço parte há vinte e três

anos -, e aplicada pelo professor Lademir Ferreira, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cristo Rei (que historicamente atende estudantes de famílias de baixa renda)<sup>38</sup>, no ano letivo de 2018. O projeto passou pelo crivo da direção e da coordenação pedagógica, e vindo sendo ampliado no presente ano, inclusive em número de escolas. Na condição de co-autor, com Marcelo Miorelli e Lademir Ferreira, apresento-o e o disponho como projeto de intervenção pedagógica.

Sob o título de “Projeto Interdisciplinar de Ensino-Aprendizagem de Karate-Do”, e em termos de propósito e justificativa, a experiência propõe a inclusão de aulas teóricas nos horários regulares dedicados ao Karate-Do, de modo a oportunizar aos estudantes um contato cultural mais amplo com as dimensões dessa Arte Marcial que o mais das vezes passam despercebidas, tais como as dimensões histórica, filosófica, pedagógica, ética, etc. A ideia reguladora do projeto, em consonância com a temática geral desta dissertação, é a de que as aulas de Karate-Do não podem ficar circunscritas ao ensino das técnicas dessa Arte Marcial, podendo ser enriquecidas pedagogicamente com o ensino adequado das dimensões referidas, as quais criam vínculos com as disciplinas de História e de Filosofia – além de outras – que podem ser eventualmente desenvolvidos.

Metodologicamente, faz-se o uso de filmes de ficção como ponto de partida, e ação pedagógica facilitadora, da aproximação dos estudantes a conceitos e noções caros a seu próprio universo e ao universo das Artes Marciais em geral e do Karatê em particular: esforço, ação e trabalho conscientes, humildade, solidariedade, auxílio mútuo, superação de adversidades, formação, ensinar e aprender, a relação entre mestre e estudante, juventude e velhice, amor e amizade, a passagem para a vida adulta, entre outros. O gênero “filme de Artes Marciais” é um gênero consagrado na cinematografia e na história do cinema, contendo filmes também adequados para a Escola Básica – desde que sua projeção seja acompanhada e mediada pelo professor, que tem a função de garantir a conexão da narrativa e das imagens com os conceitos a serem trabalhados, bem como de aproximar aqueles conteúdos da realidade dos estudantes, problematizando-os.

O objetivo geral do projeto supõe que o uso de filmes de ficção favorece aquelas conexões ao trazer os conteúdos devidamente dramatizados, quer dizer,

---

<sup>38</sup> Essa é uma das escolas que inicialmente envolveram nossa pesquisa, e da qual só obtivemos o documento do PPP.

“ocultos” (“ura”) no interior de uma trama cuja intenção principal é a de “contar uma história” com início, meio e fim. Isso, além da dimensão lúdica evidente – toda criança, pré-adolescente e adolescente aprecia uma boa história -, que faz com que, em um certo sentido, a exibição do filme tenha valor por si só e contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e para o cultivo de uma cultura cinematográfica, tem ainda o valor de trazer os conteúdos a serem trabalhados em uma “embalagem” prazerosa – criando um ambiente de aprendizagem significativa com que depois o professor contará para desenvolver em sala de aula. Em termos de objetivos específicos, tem-se a abordagem dos valores associados ao “Dojô-kun”, o conjunto de princípios e regras inspirados no Bushidô, o Código dos Samurais estabelecido no Japão do século XVIII, estabelecidos modernamente pelo Mestre Gichin Funakoshi e cujo ideal é o de que deve ser seguido por todo praticante de Karatê – o Dojô-kun é repetido frequentemente nos treinos dessa Arte Marcial. São eles: Esforçar-se para a formação do caráter; Seguir o verdadeiro caminho da razão; Criar o intuito do esforço; Respeito acima de tudo; Conter o espírito de agressão. Evidencia-se a importância de se abordar o Dojô-kun tanto no que diz respeito à importância do cultivo de valores que são associados ao Karatê, mas que são também universalmente reconhecidos como de alta relevância na educação de crianças e jovens, como no que se refere à necessidade de soluções criativas e inovadoras para os problemas de caráter disciplinar e mesmo de violência que assolam a escola pública brasileira.

O cronograma dessa primeira experiência envolveu a célebre quadrilogia de filmes “Karatê Kid”, de John D. Avildsen (1984), “Karatê Kid II”, de John D. Avildsen (1986), “Karatê Kid III – O desafio final”, de John G. Avildsen (1989), “Karatê Kid IV – A nova aventura”, de Christopher Cain (1994). Como a série de filmes “Karatê Kid” tem como um dos fundamentos da linha principal de sua narrativa a metáfora do “bonsai”, que traduz o caráter formativo da obra, e que tematiza diretamente a relação entre professor e aluno – além de uma ética do cuidado para consigo, para com os outros e para com o mundo (Guatarri, “As três ecologias”), propõe-se que cada turma da escola irá cuidar coletivamente de um bonsai, ficando responsável pela boa saúde do mesmo até final do ano letivo. É preciso, é claro, ver a conveniência de os estudantes levarem-no para casa nos finais de semana. Isso pode ser levado democraticamente para a própria turma decidir. :

A parte IV da série de filmes traz uma menina como protagonista, o que possibilita inúmeras possibilidades de discussão a respeito do papel da mulher no Karatê – trazendo essa Arte Marcial como instrumento privilegiado de empoderamento -, bem como na própria escola, na família, na comunidade e na sociedade como um todo.

Conforme o professor responsável pela realização do projeto durante o ano letivo de 2018, através de conversa realizada no Dojô da Bushidô, o trabalho desenvolvido foi avaliado como satisfatório pela direção e por ele mesmo, pois o envolvimento dos educandos em assistir os filmes e realizar as tarefas e práticas que se seguiram foi maior em comparação com outras experiências somente práticas de anos anteriores, naquele e em outros espaços escolares. Observou, ainda, que o envolvimento das meninas na questão do cuidado para com o bonsai foi um pouco maior que o dos meninos – discussão levada para a sala de aula. Os resultados do projeto foram percebidos como positivos em diversos aspectos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, com melhoras apresentadas na motivação para a prática e na conscientização dos educandos no que diz respeito aos princípios do Dojô-kun, tendo sido destacado por eles próprios o de “Respeitar acima de tudo” e o de “Criar o intuito de esforço”, talvez os que façam maior sentido em suas vidas, realidades e percepções.

Dessa forma, e através desse projeto de intervenção pedagógica do qual somos co-autores, pudemos verificar que a ideia de enriquecer o ensino-aprendizagem do Karate trabalhando criativamente, do ponto de vista pedagógico e metodológico, as múltiplas dimensões de seu aspecto “Do”, tem de fato a virtude de explorar potencialidades negligenciadas desse ensino. Isso constitui certamente um desafio, mas, um desafio possível de ser vencido se criarmos filosoficamente e pedagogicamente o intuito do esforço. Ensinar o “Do”, o Karate-Do, *através da luta* e através do estudo. Novamente Musashi: a pena e a espada.

Essa experiência prática que foi descrita anteriormente, pode servir de inspiração para muitos outros trabalhos relacionados ao Karate-Do, pois conseguiu abranger muitos aspectos que dificilmente seriam trabalhados em uma metodologia tradicional de ensino do Karate-Do. Com a realização dessa experiência, podemos verificar as possibilidades reais de utilização do Karate-Do como uma ferramenta educacional complexa e, de certa forma, inovadora nos ambientes educacionais

formais. E também, pode-se dizer inovadora como metodologia de ensino do Karate-Do inclusive nos Dojo exclusivos de prática para essa Arte Marcial.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certo modo, esta dissertação de mestrado espelha a minha trajetória como karateka e professor de Karatê-Do. Do *fazer* veio a necessidade de *pensar o fazer*, e de contribuir para que esse pensar o fazer seja compreendido como parte da prática, e principalmente como um meio de explorar as potencialidades do ensino-aprendizagem da Arte Marcial, presente na Escola Básica, mas limitada a seus aspectos físicos e de luta.

Dadas as lacunas existentes em termos de trabalhos acadêmicos que relacionem o Karate-Do à Educação, pensamos estar contribuindo ao apontar aspectos relevantes para uma possível fundamentação teórico-pedagógica da prática desenvolvida nas escolas. Perguntamo-nos: por que não voltar à obra de mestre Gichin Funakoshi para encontrar esses aspectos, e verificar em que sentido constituem ainda uma orientação primária para a prática do Karate-Do moderno. Destacamos que uma imagem do Mestre está presente em todos os locais em que se pratica o estilo Shotokan de Karate-Do. Essa imagem é reverenciada em cerimoniais próprios, e acreditamos que esses cerimoniais, bem como a própria prática, precisam ter seu conteúdo evidenciado, trazido à consciência, *criticado* no sentido de se verificar o que está vivo na tradição. O que a imagem de mestre Gichin Funakoshi está a dizer a cada praticante? À contemporaneidade? Projetos pedagógicos que envolvam o Karate-Do não podem ignorar isso.

Ao incorporar o termo “Do”, “Caminho”, às mãos que agora não eram “chinesas”, ou “de Okinawa”, mas “vazias” – Karate -, Gichin Funakoshi fez o movimento que julgamos essencial. Ali, como procuramos demonstrar, residem as potencialidades educacionais amplas do Karate. O que ocorre é que o Karate se sobrepõe ao Do. Mais visível (característica “omote”), obscurece o que é mais sutil (característica “ura”). Tanto as potencialidades do “aprender pela prática”, “aprender lutando”, e o que isso significa em termos de domínio de corpo e mente, como de sua transversalidade: a filosofia, a religião, a ciência, a história, a antropologia, a psicologia, a pedagogia, a educação física, e outras conexões que se possam fazer. Muito trabalho há a ser feito nesse sentido.

Não mais um “caminho da guerra” em sentido estrito, e recuperando os propósitos de Daruma Bodidarma, o Budo no mundo contemporâneo se apresenta

como um humanismo, e inclusive como um instrumento para a construção de uma cultura de paz, na sociedade e na escola. Como uma possibilidade de superação do “pensamento abissal”. Como um “caminho para o desenvolvimento de si”. Desenvolvimento de si que, em base confuciana, envolve o desenvolvimento do outro, da comunidade, da sociedade. Minha mãe, que mencionei no início deste trabalho e que enxergou o aspecto “ura” da Arte Marcial, intuindo que o Karate era menos violento que o futebol de rua e que trazia propósitos educacionais, de algum modo compreendeu as virtudes desse caminho.

Esse “Do” (caminho) do Karate, foi o centro das atenções desse trabalho juntamente com o mestre Gichin Funakoshi, que foi o responsável pela reassignificação dessa Arte Marcial em uma perspectiva moderna, ou seja, de Karate para Karate-Do. Com isso, mostro minha expectativa em conseguir, aos poucos, conscientizar a comunidade envolvida com o Karate-Do, principalmente os professores, de que esses aspectos “ura”, pouco refletidos comparados aos aspectos técnicos, não podem ser mais vislumbrados dessa forma. Ainda mais quando o discurso afirma questões que não são verificadas na prática, e principalmente em uma prática com finalidades educacionais.

Dessa forma, podemos verificar que a trajetória do Karate-Do ainda é muito árdua no sentido educacional, mas que apresenta um rico repertório de ferramentas através de seus potenciais filosófico-pedagógicos que podem servir de material metodológico para o desenvolvimento dessa Arte Marcial em projetos educacionais em ambientes escolares, ou vinculados a instituições educacionais. Mas que para isso consiga tomar um rumo mais sério e duradouro, necessitasse uma formalização documental que possa servir de histórico, e também para um acompanhamento qualitativo das atividades sendo desenvolvidas principalmente com crianças e adolescentes.

O sentimento com o qual encaminho minhas palavras finais nesse trabalho podem ser descritas através das palavras esperança e expectativa. Esperança no sentido de que esse movimento teórico para embasar futuros projetos possam mudar um pouco a realidade dos trabalhos sendo desenvolvidos com o Karate-Do em nossa região, e com um pouco de ambição, que possam atingir muitos outros lugares do nosso Brasil. E com relação à expectativa, o sentimento é de conseguir avaliar de forma positiva ou não os frutos dessa dissertação após alguns anos de sua

concretização, e possíveis publicações através de artigos ou livros. Com essa relação de esperança e expectativa, espero que o Karate-Do continue a desenvolver de forma saudável e que possa ajudar jovens e adultos a se tornarem pessoas mais evoluídas perante suas próprias concepções, assim como eu consigo me auto-avaliar e perceber que o Karate-Do esteve diretamente relacionado ao meu crescimento pessoal, refletido em todas as dimensões de minha vida.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEAWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2000.

ASSOCIAÇÃO MARICAENSE DE KARATE-DO (AMK). *História do karate-do*. S.l., [2019?]. Disponível em: <<http://www.karateamk.com/p/historia.html>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARREIRA, C. R. A. A alteridade subtraída: o outro no esvaziamento do Karate e na redução fenomenológica. *Revista Mnemosine*, v. 2, n. 2, p. 106-118, 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41411>>. Acesso em: 28 maio 2019.

BARREIRA, C. R. A.; MASSIMI, M. O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no Karate-Do. *Revista Psicologia: reflexão e crítica*, v. 21, n. 2, p. 283 - 292, 2008. Disponível em: <<http://producao.usp.br/handle/BDPI/2792>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. *A moralidade e atitude mental no Karatê-dô no pensamento de Gichin Funakoshi*. Memoradun, Abr. 2002. Belo Horizonte; UFMG; Ribeirão Preto; USP. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/barreira01.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. *O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no Karatê-dô Shotokan*. Memoradun, 11/Outubro/2006, 85.101. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos11/barreiramassimi03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BARTOLO, PAULO. *Karate-Do: uma visão multidisciplinar*. 2. ed. Santos: Bueno, 2018.

BUCKINGHAM, Will et al. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo, 2011.

CHENG, Anne. *História do pensamento chinês*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DRIGO, A. J.; OLIVEIRA, P. R. ; JULIANA, C. ; NOVAES, C. R. B. ; NETO, S.S. *A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas Artes Marciais*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/revistadigital> - Buenos Aires – año 10 – no 86 – Julio de 2005. Acesso em: abr. 2019.

FERREIRA, A. H. A. *Dojô-kun: uma filosofia aplicada à gestão de equipes*. Disponível em: <<http://www.italo.com.br/portal/cepep/revistaeletronica.html>>. São Paulo, v. 7, n. 4, p. 198-224, out. 2017. Acesso em: jun. 2019.

FIORI, E. M. Conscientização e educação. *Educação & Realidade*, v. 11, n. 01, p. 03 –10, 1986.

FREIRE, JOÃO BATISTA. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação*. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FROSI, T. *Uma história do Karate-Do no Rio Grande do Sul: de Arte Marcial a prática esportiva*. Dissertação de Mestrado UFRGS, 2012.

FUNAKOSHI, G. *Karatê-Dô Kyohan: o texto do mestre*. Tradução de Wagner Bull. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

\_\_\_\_\_. *Karatê-Dô Nyumon: o texto introdutório do mestre*. Tradução de John Teramoto. São Paulo: Cultrix, 2013.

\_\_\_\_\_. *Karate-Do: o meu modo de vida*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

FUNAKOSHI, G; NAKASONE, G. *Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre*. Tradução de Henrique A. Rêgo Monteiro. São Paulo: Cultrix, 2005.

GENERAL CHOI TAEKWON-DO ASSOCIATION (GTA - INDIA). *Biography: Bodhidharma*. Karnataka, Índia, [2018?]. Disponível em: <<https://gtaitf-india.com/bodhidharma/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

HERRIGEL, Eugen. *O caminho zen*. São Paulo: Pensamento, 1987.

HYAMS, Joe. *O zen e as Artes Marciais*. São Paulo: Pensamento, 1979.

JAPAN KARATE ASSOCIATION (JKA). *Supreme Master Funakoshi Gichin*. [S.l.], [2019?]. Disponível em: <<https://www.jka.or.jp/en/about-jka/profiles/supreme-master-funakoshi-gichin/>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

KANAZAWA, H. *Guia prático do Karate*. Prefácio de Masatoshi Nakayama; tradução de Guilherma Serpa. São Paulo: Escala, 2010.

KARATE-do kyohan: the master text. *Portal Livraria Cultura*, São Paulo, [2019?]. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/esportes-e-lazer/artes-marciais/karate-do-kyohan-30766332>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

KIM, D. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo Livros, 2016.

KONDER, L. *O que é dialética*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LAGE, V.; GONÇALVES JÚNIOR, L.; NAGAMINE, K. K.. O Karate-do enquanto conteúdo da educação física escolar In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latina-americana, 2007, São Carlos. *Anais...* São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007, p. 116-133.

LOSS, A. S. *Recriar o currículo: da educação básica ao ensino superior*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

LOWRY, Dave. *O dojô e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das Artes Marciais japonesas*. São Paulo: Pensamento, 2011.

MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NAKAIAMA, M. *O melhor do karatê-1, visão abrangente*. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. *O melhor do karatê-3, Kumite 1*. São Paulo: Cultrix, 1978.

OLIVEIRA, M. A.; TELLES, T. C. B.; BARREIRA, R. A.. De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o Karate. In RUBIO, K. (Org.): *Do pós ao neo olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*. São Paulo: Képos, 2019.

PINTO, L. M. M.; RAMOS, M. L. B. C.; OLIVEIRA, A. A. B. *Macrocampo esporte e lazer: sobre esporte e lazer*. Brasília, DF: MEC/Secad, 2010. (Série Mais Educação – Cadernos Pedagógicos). Disponível em: <[http://www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task](http://www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task)>. Acesso em: 05 jul. 2019.

RED, P. *O ensinamento zen de Bodidarma*. Traduzido por Daien Eishin. São Francisco de Paula: Bodigaya, 2018.

REID, H.; CROUCHER, M. *O caminho do guerreiro: o paradoxo das Artes Marciais*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1983.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Rogério. A essência do Dojo-Kun. *Blog Rogério Santos Sensei*. [S.l.], 23 maio 2009. Disponível em: <<http://karatecomofilosofiadevida.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SANTOS, M. M. A.; LOSS, A. S.. Acorda, escola! O corpo aprende. In: CORÁ, E. J.; LOSS, A. S.; BEGNINI, S. (Org.). *Contribuições da UFFS para educação integral em jornada ampliada*. Chapecó, 2012. Disponível em: <<https://educacaointegrales.files.wordpress.com/2014/06/contribuic3a7c3b5es-da-uffs-para-educac3a7c3a3o-integral-em-jornada-ampliada.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SASAKI, Y. *Clínica de esportes Karatê-dô*. São Paulo. CEPEUSP, 1993.

SHAOLIN. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. San Francisco, CA, 13 abr. 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ShaoLin>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SILVA, M. A. Educação e formação humana: algumas considerações. *Revista da Faculdade de Educação*, Ano VIII, n. 13, jan./jun. 2010.

STEVENS, J. *Três mestres do Budo: Kano (Judô), Funakoshi (Karate), Ueshiba (Aikido)*. Tradução Luiz Carlos Cintra; revisão técnica Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2007.

TOKITSU, Kenji. *Ki e o caminho das Artes Marciais*. Tradução: Luiz Carls Cintra. São Paulo: Cultrix, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

TSÉ, Lao. *Tao Te Ching: o livro do caminho e da virtude*. 6. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TSUKUBA, UNIVERSITY OF. Graduate Students Program. Disponível em: <<http://www.tsukuba.ac.jp/en/study-tsukuba/study-graduate>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

TWENTY precepts of karate by Gichin Funakoshi. *Makiwara Guy's web site*. [S.l.], 2018. Disponível em: <<http://www.makiwaraman.com>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

VELTE, Herbert. *Dicionário ilustrado de Budô: Artes Marciais do Oriente*. São Paulo: Ediouro, 1976.

WATTS, Alan. *O espírito do Zen: um caminho para a vida, o trabalho e a arte no extremo oriente*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2016.

WRUBLEWSKI, J.; CORÁ, E. J. A educação integral em jornada ampliada no município de Erechim/RS: uma experiência em construção. In: CORÁ, E. J.; LOSS, A. S.; BEGNINI, S. (Org.). *Contribuições da UFFS para educação integral em jornada*

*ampliada*. Chapecó, 2012. Disponível em:  
<https://educacaointegrales.files.wordpress.com/2014/06/contribuicoes-da-uffs-para-educacao-integral-em-jornada-ampliada.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2018.